

**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
CURSO DE PROMOÇÃO A OFICIAL SUPERIOR**

2017/2018



TIG

**O TEATRO DE OPERAÇÕES DA REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA –
ATUAL AMBIENTE OPERACIONAL**

**O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A
FREQUÊNCIA DO CURSO NO IUM SENDO DA RESPONSABILIDADE DOS
SEUS AUTORES, NÃO CONSTITUINDO ASSIM DOUTRINA OFICIAL DAS
FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS OU DA GUARDA NACIONAL
REPUBLICANA.**

CAP ART Luís Miguel da Silva Resende Mouta

CAP CAV Maria João Pedroso Correia

CAP MAT Jorge Machado da Silva Balula (Coordenador)

CAP INF Manuel Pedro Afonso Viana

CAP INF Pedro Filipe Vargas Neves



INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
**O TEATRO DE OPERAÇÕES DA REPÚBLICA CENTRO-
AFRICANA – ATUAL AMBIENTE OPERACIONAL**

CAP ART Luís Miguel da Silva Resende Mouta

CAP CAV Maria João Pedroso Correia

CAP MAT Jorge Machado da Silva Balula (Coordenador)

CAP INF Manuel Pedro Afonso Viana

CAP INF Pedro Filipe Vargas Neves

Trabalho de Investigação de Grupo do CPOS-E A/S

Pedrouços 2018



INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
**O TEATRO DE OPERAÇÕES DA REPÚBLICA CENTRO-
AFRICANA – ATUAL AMBIENTE OPERACIONAL**

CAP ART Luís Miguel da Silva Resende Mouta

CAP CAV Maria João Pedroso Correia

CAP MAT Jorge Machado da Silva Balula (Coordenador)

CAP INF Manuel Pedro Afonso Viana

CAP INF Pedro Filipe Vargas Neves

Trabalho de Investigação de Grupo do CPOS-E A/S

Orientador: MAJ TM Alves Batista

Pedrouços 2018



Declaração de compromisso Antiplágio

Luís Miguel da Silva Resende Mouta,

Maria João Pedroso Correia,

Jorge Machado da Silva Balula (Coordenador),

Manuel Pedro Afonso Viana,

Pedro Filipe Vargas Neves,

declaram por sua honra que o documento intitulado “O Teatro de Operações da República Centro-Africana – Atual Ambiente Operacional” corresponde ao resultado da investigação por nós desenvolvida enquanto auditores do Curso de Promoção a Oficial Superior de 2017/2018 no Instituto Universitário Militar e que é um trabalho original, em que todos os contributos estão corretamente identificados em citações e nas respetivas referências bibliográficas.

Temos consciência que a utilização de elementos alheios não identificados constitui grave falta ética, moral, legal e disciplinar.

Pedrouços, 04 de junho de 2018

Luís M. S. R. Mouta

Maria J. P. Correia

Jorge M. S. Balula

Manuel P. A. Viana

Pedro F. V. Neves



Agradecimentos

Gostaríamos de manifestar um sincero agradecimento ao Sr. Major Tm Alves Batista cuja disponibilidade, dedicação e acompanhamento constantes constituíram uma forte motivação para este trabalho.

Agradecemos ao Sr. TCor Inf Alexandre Varino, ao Sr. Intendente José Figueira e ao Sr. M.G.¹ pela disponibilidade em partilharem os seus conhecimentos e experiência sobre a República Centro-Africana, contribuindo de forma significativa para a elaboração deste trabalho.

Um Bem-hajam.

¹ O empresário optou por manter o anonimato, para nos referirmos a ele adotamos o nome de M. G.



Índice

Introdução	1
1. Enquadramento e Concetualização Geral	3
1.1. Estado da Arte.....	3
1.2. Modelo de Análise	3
1.3. Metodologia Aplicada	5
2. Enquadramento Histórico	6
2.1. Período pré-Colonial.....	6
2.2. Período Colonial	6
2.3. Período Pós-Colonial.....	6
2.4. RCA no Século XXI	7
3. Caraterização das Variáveis Operacionais.....	9
3.1. Ambiente Físico.....	9
3.2. Social	11
3.3. Política	12
3.4. Militar	14
3.5. Economia	16
3.6. Infraestruturas	17
3.7. Informação	19
4. Avaliação das Ameaças	21
4.1. Movimentos Rebeldes - Movimento <i>Seleka</i>	21
4.1.1. Descrição Geral	21
4.1.2. Objetivos	22
4.1.3. <i>Modus Operandi</i>	23
4.2. Movimentos Rebeldes - Movimento <i>anti-Balaka</i>	24
4.2.1. Descrição Geral	24
4.2.2. Objetivos	25
4.2.3. <i>Modus Operandi</i>	25
4.3. Movimentos Rebeldes - Movimentos <i>ex-Seleka</i>	26
4.3.1. <i>Front Populaire pour la Renaissance de Centrafrique (FPRC)</i>	26
4.3.2. <i>Union pour la Paix en Centrafrique (UPC)</i>	28



4.3.3. <i>Rassemblement Patriotique pour le Renouveau de Centrafrique (RPRC)</i>	29
4.3.4. <i>Mouvement Patriotique pour la Centrafrique (MPC)</i>	29
4.4. Outros movimentos Rebeldes	30
4.4.1. <i>Front Démocratique du Peuple Centrafricain (FDPC)</i>	30
4.4.2. <i>Révolution et Justice (RJ)</i>	31
4.4.3. <i>Retour, Réclamation et Réhabilitation (3R)</i>	32
4.4.4. <i>Lord's Resistance Army (LRA)</i>	33
4.5. Diagramas de Relações	34
Conclusões.....	36
Referências Bibliográficas.....	38

Índice de Apêndices

Apêndice A — Entrevista a Oficial da Polícia de Segurança Pública, presente na RCA em 2016/2017 – Intendente José Figueira	1
Apêndice B — Entrevista a Empresário Português, com negócios na RCA, M. G.....	1
Apêndice C — Entrevista ao Comandante de Força Nacional Destacada em 2017/2018 na RCA – Tenente-Coronel Alexandre Varino.....	1

Índice de Figuras

Figura 1 – Mapa da RCA.....	9
Figura 2 – Topografia e hidrografia da RCA	10
Figura 3 – Distribuição geográfica das principais etnias, RCA	11
Figura 4 – Prefeituras da RCA	13
Figura 5 – Composição da <i>EUTM-RCA</i> em 2016-2018.....	15
Figura 6 – Composição da <i>MINUSCA</i> em 2017	15
Figura 7 – Maiores contribuintes para a <i>MINUSCA</i> em 2018.....	16
Figura 8 – Mapa dos recursos minerais na RCA	17
Figura 9 – Vias de comunicação na RCA.....	18
Figura 10 – Operações na RCA da <i>Emergency Telecommunications Cluster (ETC)</i>	20
Figura 11 – Área de influência <i>anti-Balaka</i> na RCA	26



Figura 12 – Área de influência <i>FPRC</i>	28
Figura 13 – Área de influência <i>UPC</i>	29
Figura 14 – Área de influência <i>MPC</i>	30
Figura 15 – Área de influência <i>FDPC</i>	31
Figura 16 – Área de influência <i>RJ</i>	32
Figura 17 – Área de influência <i>3R</i>	33
Figura 18 – Diagrama de relações	34
Figura 19 – Diagrama de relações dos grupos armados	35



Resumo

Este trabalho apresenta como tema “O Teatro de Operações da República Centro-Africana – Atual Ambiente Operacional”, um assunto de relevância para o Exército Português à luz do seu recente empenhamento com uma Força Nacional Destacada integrada numa Missão da Organização das Nações Unidas.

O objetivo principal é analisar o atual ambiente operacional e caraterizar a ameaça presente no Teatro de Operações da República Centro-Africana. Para esta análise recorre-se ao estudo das variáveis operacionais (Política, Militar, Economia, Social, Informação, Infraestruturas e Ambiente Físico), e à utilização da ferramenta de apoio ao planeamento – “visualização”, que permite entender, desenvolver e descrever problemas complexos e mal estruturados, por forma a realizar abordagens adequadas para a sua resolução.

Inicialmente, apresenta-se o enquadramento histórico da região atualmente conhecida como República Centro-Africana, desde o início do século XXI até aos acontecimentos recentes de 2017, seguidamente, carateriza-se o Teatro de Operações de acordo com cada uma das variáveis operacionais e, por último, elabora-se a avaliação da ameaça, através da caraterização dos atores mais relevantes.

Nas conclusões, identifica-se o problema operacional que se traduz na ineficácia do governo em garantir segurança, justiça e bem-estar na República Centro-Africana, o que se manifesta na proliferação dos grupos armados.

Palavras-chave

República Centro Africana, Ambiente Operacional, Variáveis Operacionais e Ameaça.



Abstract

This work paper presents the theme “The Central African Republic Theater of Operations – The Present Operational Environment “, as a subject of interest to the Portuguese Army, due to the recent engagement of a National Detached Force integrated in a United Nations Mission.

The main purpose is to analyze the Present Operational Environment in the Central African Republic. We studied the operational variables (Political, Military, Economy, Social, Information, Infrastructure and Physical Environment) and applied a planning support tool – US Army Design Methodology, that enables to understand, developed and describe complex and poorly structured problems, so that adequate approaches can be performed for its resolution.

Initially, we present the historical background of the region known today as Central African Republic, since the beginning of the 21st century until the recent events of 2017, secondly, the Theater of Operations is categorized accordingly to each of the operational variables, and finally, a threat assessment is accomplished, through the characterization of the more relevant actors.

In the conclusions, the operational problem is identified as the ineffectiveness of the government to ensure safety, security, justice and welfare in the Central African Republic, which manifests in the proliferation of armed groups.

Keywords

Central African Republic, Operational Environment, Operational Variables and Threat.



Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

A

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
AO	Ambiente Operacional

B

<i>BBC</i>	<i>British Broadcasting Corporation</i>
BM	Banco Mundial

C

<i>CPJP</i>	<i>Convention des Patriotes pour la Justice et la Paix</i>
<i>CPSK</i>	<i>Convention Patriotique du Salut du Kodro</i>
CL	Círculo de Leitores
<i>CIA</i>	<i>Central Intelligence Agency</i>

D

DDR	Desarmamento, desmobilização, reintegração
DDRR	Desarmamento, desmobilização, reintegração e repatriação

E

<i>EEAS</i>	<i>European External Action Service</i>
EP	Exército Português
<i>ETC</i>	<i>Emergency Telecommunications Cluster</i>
<i>EUTM-RCA</i>	<i>European Union Training Mission in RCA</i>

F

FACA	Forças Armadas Centro-Africanas
<i>FFP</i>	<i>Fund For Peace</i>
FND	Força Nacional Destacada

I

<i>IPIS</i>	<i>International Peace Information Service</i>
-------------	--

M

<i>MICOPAX</i>	<i>Mission de Consolidation de la Paix en Centrafrique</i>
<i>MISCA</i>	<i>Mission Internationale de Soutien à la Centrafrique sous Conduite Africaine</i>
<i>MINUSCA</i>	<i>Multidimensional Integrated Stabilization Mission in the Central African Republic</i>
<i>MPC</i>	<i>Mouvement Patriotique pour la Centrafrique</i>

O



OI	Organizações Internacionais
ONG	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
P	
PD	Pergunta Derivada
PIB	Produto Interno Bruto
R	
RCA	República Centro Africana
S	
SIDA	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
T	
TIG	Trabalho de Investigação de Grupo
TO	Teatro de Operações
U	
UE	União Europeia
<i>UFDR</i>	<i>Union des Forces Démocratiques pour le Rassemblement</i>
<i>UPC</i>	<i>Union pour la Paix en Centrafrique</i>
<i>USD\$</i>	<i>United States Dollars</i>



Introdução

A República Centro Africana (RCA) é um palco de violência e precariedade, o que tem originado ao longo do tempo a perda de milhares de vidas e um elevado número de deslocados, impulsionando a intervenção da Organização das Nações Unidas (ONU) e diversas Organizações Não Governamentais (ONG).

O presente trabalho de investigação de grupo (TIG) tem como tema “O Teatro de Operações (TO) da RCA – Atual Ambiente Operacional (AO)”, visando analisar o enquadramento histórico do conflito, o atual AO e caraterizar a ameaça presente no TO da RCA.

Justifica-se o tema por uma carência de literatura na língua portuguesa circunscrita a esta temática sobre a conflitualidade na RCA, assim como pela escassez de documentação relativa a este tipo de análise sistemática sobre as variáveis operacionais e sobre as ameaças na RCA.

Assim, este trabalho assume uma pertinência relevante e particular para o Exército Português (EP), tendo em consideração que, no âmbito da ONU, operam Forças Nacionais Destacadas (FND) neste TO desde janeiro de 2017.

O TIG tem como objeto de estudo o atual AO da RCA, pretendendo-se efetuar uma análise sistemática do AO, não só descritiva, mas também relacionada com a caraterização da ameaça e as suas dinâmicas.

Este estudo é delimitado em três dimensões: numa dimensão concetual – ao estudo da AO através das variáveis operacionais (Política, Militar, Económica, Social, Informação, Infraestruturas e Ambiente Físico) e da caraterização dos atores da ameaça (Caraterização dos atores mais relevantes, Diagrama de relações do estado atual); numa dimensão espacial, ao TO da RCA, e numa dimensão temporal, desde o ano de 2013 até ao ano de 2017.

O objetivo geral da investigação é caraterizar e compreender o atual AO do TO da RCA de modo a entender, desenvolver e descrever o conjunto de fatores que impedem a RCA de transitar de uma situação de instabilidade para uma situação de estabilidade crescente.

Os objetivos específicos da investigação são:

- Identificar as causas que definem o atual cenário da RCA.
- Definir, analisar e sistematizar as variáveis operacionais para o contexto do ambiente operacional na RCA.
- Identificar, caraterizar e interpretar o comportamento da ameaça que pode influenciar o ambiente operacional.



A pergunta de partida é: “Qual é o problema operacional existente no TO da RCA?”

As perguntas derivadas (PD) são as seguintes:

PD 1 – Quais são as causas que definem o cenário no qual assenta o atual AO?

PD 2 – Como é que se caracteriza o atual AO no TO da RCA?

PD 3 – Como se caracteriza a ameaça e qual a dinâmica entre atores da ameaça?

O raciocínio escolhido foi o dedutivo, usando uma estratégia qualitativa através de um desenho de investigação baseado num estudo de caso.

O trabalho está organizado em quatro capítulos, sendo que no primeiro apresenta-se a informação resultante da revisão de literatura, descreve-se o modelo de análise e a metodologia aplicada na investigação; no segundo capítulo apresenta-se a história recente da RCA; no terceiro capítulo observa-se o AO através das seis variáveis operacionais e o Ambiente Físico; no quarto capítulo caracterizam-se as ameaças e a sua interação. No final, são apresentadas as conclusões da investigação.



1. Enquadramento e Concetualização Geral

1.1. Estado da Arte

Da revisão da literatura, constatamos que se encontram presentes na RCA diversas Organizações Internacionais (OI), ONG e outras Agências, com objetivos e/ou interesses diferentes. Estas difundem informações que permitem desenvolver e fundamentar as suas estratégias de atuação divulgando o estado do conflito na RCA.

Neste contexto, segundo o Instituto de Pesquisa Independente, *International Peace Information Service (IPIS)*, que contribuiu com estudos para a paz e desenvolvimento sustentável na África Subsariana, verificamos um estudo semelhante ao que pretendemos abordar, através de uma análise detalhada dos motivos do conflito entre os grupos *Seleka* e *anti-Balaka* e a forma como outros países, nomeadamente, o Chade, Sudão e Camarões, influenciam o conflito.

Outro dos estudos, com alguma relação com o nosso, é o apresentado pela *Governance, Social Development, Humanitarian and Conflict Issues*, que sintetiza os processos de segurança e políticas na RCA, com ênfase para as tensões interétnicas, bem como os altos níveis de impunidade dos grupos armados que continuam a provocar o descontentamento da população e o colapso do Estado.

1.2. Modelo de Análise

O processo da visualização é utilizado pelos comandantes para melhor compreender problemas complexos e mal estruturados, fornecendo a possibilidade de alterar ou melhorar as operações durante o seu planeamento (EP, 2012, pp. 2-27). A visualização é a aplicação de pensamento crítico e criativo para entender, desenvolver e descrever problemas que surgem no planeamento das operações, permitindo uma abordagem adequada para a sua resolução.

São três os elementos distintos que, em conjunto, conduzem ao resultado da visualização, nomeadamente:

Enquadrar o ambiente operacional (em que contexto a visualização será aplicada?);

Enquadrar o problema (que problema se pretende abordar?);

Considerações operacionais (que abordagem abrangente e global pode resolver o problema?).

Pretende-se observar o ambiente operacional através de seis variáveis operacionais inter-relacionadas: Política, Militar, Economia, Social, Informação e Infraestruturas (EP, 2012, pp. 1-7 a 1-11), considerando-se também o Ambiente Físico.



Como Ambiente Físico considera-se a geografia e as alterações feitas pelo homem que moldam o desenvolver de ações militares ou o normal funcionamento da comunidade civil. Consideraram-se como indicadores desta variável a posição geográfica da RCA, extensão de território, extensão de fronteiras, hidrografia e clima.

A análise da variável Social visa caracterizar as sociedades, coletividades, comunidades e grupos existentes. Consideraram-se como indicadores desta variável as línguas oficiais existentes, grupos étnicos, grupos religiosos, registo de deslocados, registo de refugiados, esperança média de vida, condições de apoio sanitário e taxa de literacia.

Na análise da variável Política, pretende-se descrever a situação atual da RCA, com foco na distribuição da responsabilidade, e o poder a todos os níveis da governação. Consideraram-se como indicadores desta variável a divisão administrativa do território, forma de governação, forma de sufrágio, estabilidade política e eficácia das estruturas governativas.

A variável Militar inclui a análise das capacidades militares das forças armadas e forças de segurança do Estado e de OI, constituindo-se como indicadores os efetivos, liderança, logística, equipamento e atuação.

A variável Economia engloba os aspetos relacionados com a produção, distribuição e consumo de recursos que caracterizam o ambiente operacional. Consideraram-se como indicadores o Produto Interno Bruto (PIB), principais exportações, principais atividades económicas, ajuda externa, recursos naturais, principais exploradores de recursos naturais, movimentos e transporte de bens, taxa de crescimento da produção industrial e taxa de desemprego.

A variável Infraestruturas inclui o estudo das infraestruturas básicas, serviços e instalações necessárias ao funcionamento da sociedade. Consideram-se como indicadores desta variável as vias de comunicação terrestres, áreas e marítimas, infraestruturas públicas e religiosas, rede de energia elétrica e infraestruturas de produção de energia.

Entende-se como variável Informação, o espaço físico e virtual onde a informação é recebida, processada e tratada; a própria informação e os sistemas de informação. Consideraram-se como indicadores desta variável a tipologia dos *media* acessíveis, qualidade da rede telefone fixa e internet e formas de acesso público à informação.

A caracterização de atores da ameaça levou a considerar como variáveis a descrição geral, objetivos e *modus operandi*, tendo como indicadores a liderança, área de influência, capacidade, composição, atividade recente.



De forma a enquadrar o problema elabora-se um diagrama de relações entre os vários atores, que auxilia à compreensão do ambiente operacional (EP, 2017, pp. 1-7,1-8).

1.3. Metodologia Aplicada

A metodologia baseou-se na pesquisa de informação em documentação bibliográfica disponível na internet, documentos relativos a relatórios e entrevistas as pessoas que estiveram presentes na RCA, que permitissem realizar uma análise das variáveis operacionais e da ameaça.

O raciocínio escolhido foi o dedutivo, sendo a estratégia definida para esta investigação baseada numa abordagem metodológica de índole qualitativa, pretendendo-se avaliar os acontecimentos num passado recente, de modo a entender, desenvolver e descrever o fator ou conjunto de fatores que impedem a RCA de transitar de uma situação de instabilidade para uma situação de estabilidade crescente.

O desenho de pesquisa escolhido é o estudo de caso, onde se reuniu o máximo de informação acerca da instabilidade na RCA, através da recolha de dados anteriormente enunciados.

Para a presente investigação foi elaborado um quadro conceptual de investigação constituído por três fases:

Iniciamos com a fase exploratória que foi o ponto de partida, começando pela definição do tema, objeto de estudo, passando pela formulação do problema de investigação e resultando na elaboração do plano de trabalho.

Em segundo lugar, decorreu a fase analítica, que teve por objetivo selecionar fontes e recolher os dados iniciais das entrevistas, seguindo-se uma análise dos mesmos.

Por último, a fase conclusiva pretendeu avaliar e discutir os resultados, apresentando as conclusões e implicações, procurando contributos para o conhecimento, limitações e recomendações, compilando tudo na redação do trabalho, culminando na apresentação e defesa do mesmo.



2. Enquadramento Histórico

2.1. Período pré-Colonial

O território designado atualmente como RCA foi inicialmente habitado por diferentes tribos bantos, por grupos de negros sudaneses, grupos étnicos etíopes e um pequeno grupo de pigmeus (CL, 1988, p. 65). No entanto estima-se que esta região se encontre ocupada desde o século VII, destacando-se a influência do império de origem árabe Dar Al-Kuti² (Bradshaw e Rius, 2007) que aproveitou a região para recolher escravos e posteriormente negociá-los pela África Ocidental e Norte (Giles-Vernick, Hoogstraten, O'Toole, 2018).

2.2. Período Colonial

Este território esteve sob administração francesa de 1905 a 1960, durante a qual recebeu o nome de Ubangui-Shari. Esta colonização foi de pouco interesse político e económico para os seus colonizadores (Campos, Santos, Vieira e Silva, 2016, pp.1-7), mas logo após a segunda guerra mundial o governo francês deparou-se com o surgimento de uma ideologia designada de pan-africanismo (Kuryla, 2018) que serviu de alavanca para movimentos de libertação, que nasceram no seio dos seus países coloniais africanos. Barthélemy Boganda foi o fundador de um movimento semelhante à ideologia de pan-africanismo dentro da RCA que obteve o nome de movimento independentista MESAN (Movimento para a Evolução Social da África Negra) (CL, 1988, p. 65).

A RCA no ano de 1960 proclama a sua independência relativamente à França, mas este corte com o seu ex-colonizador não foi total pois este manteve sempre alguma influência (Wondji, 2010).

2.3. Período Pós-Colonial

O primeiro presidente deste recém-nascido Estado foi David Dacko, embora apenas tenha permanecido no poder durante seis anos, a ocorrência de um golpe de estado, depôs este do poder. O responsável pelo golpe foi seu primo Jean Bedel Bokassa (Caldeira, 2018) que se declara presidente, mas ainda não satisfeito, em 1977 auto proclamou-se “Imperador Bokassa I”, alterando o nome do país para República Centro Africana (Caldeira, 2018). Bokassa aproveitou e usufruiu durante muito tempo de apoio francês (CL, 1988, p. 65) e de outros países ocidentais, resultado de permanecer como forte aliado da França no seio da Guerra Fria. Para além disso, Bokassa ainda fornecia a altas entidades do Estado Francês recompensas, estas originárias dos recursos naturais do país (Campos, Santos, Vieira e Silva,

² Impérios muçulmanos que reclamaram a soberania local, de onde a transformaram num local de recolha e exportação de escravos.



2016). Permaneceu no poder até setembro de 1979, data na qual a França retirou-lhe a sua confiança política, sob graves acusações de natureza política e humanitária (CL, 1988).

O país voltou ao regime republicano em fevereiro de 1981 com David Dacko, tendo a sua primeira constituição. Mas, logo em setembro do mesmo ano, um novo golpe de estado levou ao poder, como presidente e primeiro-ministro, o general André Kolinga (CL, 1988).

Durante as décadas de 80 e 90 sucederam-se vários golpes de estado e irregularidades nas eleições, dando continuidade à troca de líderes de estado reiterando assim a instabilidade continuada no país (INFOPLEASE, 2017).

2.4. RCA no Século XXI

No início do século XXI, François Bozizé tomou o poder na RCA, declarando-se presidente com o apoio da França (Lombard, 2014) e de um grupo originário do Chade, com o nome de “Libertadores” (Campos, Santos, Vieira e Silva, 2016). Estes foram sendo acusados de várias violações de direitos do Homem, que contribuíram significativamente para o incremento da insegurança no país entre 2004 e 2012. Este incremento de instabilidade deu origem a uma série de conflitos entre os “Libertadores” e as Forças Armadas Centro-Africanas (FACA) e as forças de segurança (Campos, Santos, Vieira e Silva, 2016).

Após as eleições de 2012, disputadas entre Bozizé e Patassé, surgiu a coligação rebelde com o nome de *Seleka* como resposta aos atos de corrupção e eleições fraudulentas de Bozizé. Comandada por Michel Djotodia, formada com indivíduos muçulmanos do nordeste da RCA, os *Seleka* obtinham apoio dos comerciantes de diamantes que estavam insatisfeitos com o governo, tendo como objetivo a deposição de Bozizé (Campos, Santos, Vieira e Silva, 2016).

A instabilidade vivida em 2012 levou à criação da *Mission de Consolidation de la Paix en Centrafrique (MICOPAX)*, por parte da Comunidade Económica dos Estados da África Central, para apoiar a implementação da paz (União Africana, 2013).

Na tentativa de alcançar uma resolução entre os grupos e o governo é estabelecido um acordo em 11 de janeiro de 2013 em Libreville, no Gabão, em que se estabelecia um cessar-fogo, com a permanência do Presidente Bozizé e a entrada no governo de elementos do grupo *ex-Seleka*, no entanto sem sucesso.

Objetivo de Djotodia é alcançado no início de 2013 e após o qual assume o poder da RCA, contudo a falta quer de apoios para sustentar a aliança, quer de comando sobre os *Seleka*, fez dissolver o governo em janeiro de 2014, causando o caos no país (Lombard, 2014). Em julho de 2014 em Brazaville, no Congo, ocorre uma nova tentativa de diálogo e



reconciliação. No entanto, em agosto voltaram as disputas e a violência (Weyns, Hoex, Hilgert e Spittaels, 2014), revelando-se sem sucesso.

Embora tenha ocorrido a dissolução da coligação *Seleka*, os seus membros continuaram no país a saquear as populações. Em resposta, a comunidade cristã, para se defender, criou a milícia *anti-Balaka*, dando início a conflitos entre muçulmanos e cristãos (CIA, 2018).

A ineficácia da *MICOPAX* levou a que o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), através da Resolução 2127 de 5 de dezembro de 2013, aprovasse a criação da missão de paz da União Africana que substituiria a última, batizada de *Mission Internationale de Soutien à la Centrafrique sous Conduite Africaine (MISCA)*, composta por tropas de países africanos. A França enviou 1.600 militares para atuarem em conjunto com a *MISCA*. Apesar dos esforços da *MISCA*, a violência continuou e, no início de janeiro de 2014, contabilizavam cerca de mil mortos (Campos, Santos, Vieira e Silva, 2016).

Após meses de violência, Catherine Samba-Panza foi eleita Presidente interina da República Centro-Africana por um Conselho Nacional de transição (Campos, Santos, Vieira e Silva, 2016).

Após posse da nova Presidente, o CSNU autorizou o envio de uma força da União Europeia (UE) à RCA para reforçar as tropas francesas e africanas, entendendo que o conflito teria potencial para se transformar em genocídio. Em 10 de abril de 2014, foi autorizado o estabelecimento de uma operação de paz, a *Multidimensional Integrated Stabilization Mission in the Central African Republic (MINUSCA)*, para proteger civis, conduzir o processo de transição, facilitar a assistência humanitária, proteger e promover os direitos humanos, apoiar a justiça e o Estado de direito e realizar o processo de desarmamento, desmobilização, reintegração e repatriação de ex-combatentes na RCA (Campos, Santos, Vieira e Silva, 2016).

O governo de Samba-Panza não conseguiu um progresso notório no processo de desmobilização e reabilitação dos combatentes, assim como nas tentativas de mediação entre as comunidades (Campos, Santos, Vieira e Silva, 2016).

Ocorreram novas eleições em fevereiro de 2015, no entanto, devido à instabilidade no país, o mandato do governo interino foi estendido até março de 2016, tomando posse nessa data o atual Presidente Faustin Archange Touadera³ (CIA, 2018).

³ Tendo anteriormente exercido funções como Primeiro-Ministro entre 2008 e 2013.

3. Caraterização das Variáveis Operacionais

3.1. Ambiente Físico

A RCA apresenta uma área de 623.000 km², tendo como capital Bangui, situada a sul, com cerca de 600.000 habitantes (CIA, 2018).

A RCA encontra-se numa posição geográfica central no continente africano e contabiliza um total de 5.920km de fronteiras terrestres (CIA, 2018): a norte, faz fronteira com o Chade; a este, com Sudão e Sudão do Sul; a sul, com a República Democrática do Congo e com a República do Congo e a oeste, com os Camarões (Figura 1).



Figura 1 – Mapa da RCA

Fonte: (ONU, 2016)

O terreno apresenta-se, de uma forma geral, pouco acidentado, sendo o ponto mais baixo no rio Ubangui, com 335 metros de elevação, e o ponto mais alto, no monte Ngaoui, com 1.410 metros de altitude (CIA, 2018). Em termos de hidrografia, existem duas bacias hidrográficas, a norte com o rio Chari e a sul, a bacia hidrográfica do rio Ubangui, sendo este o principal rio navegável em toda a sua extensão do país (Figura 2).

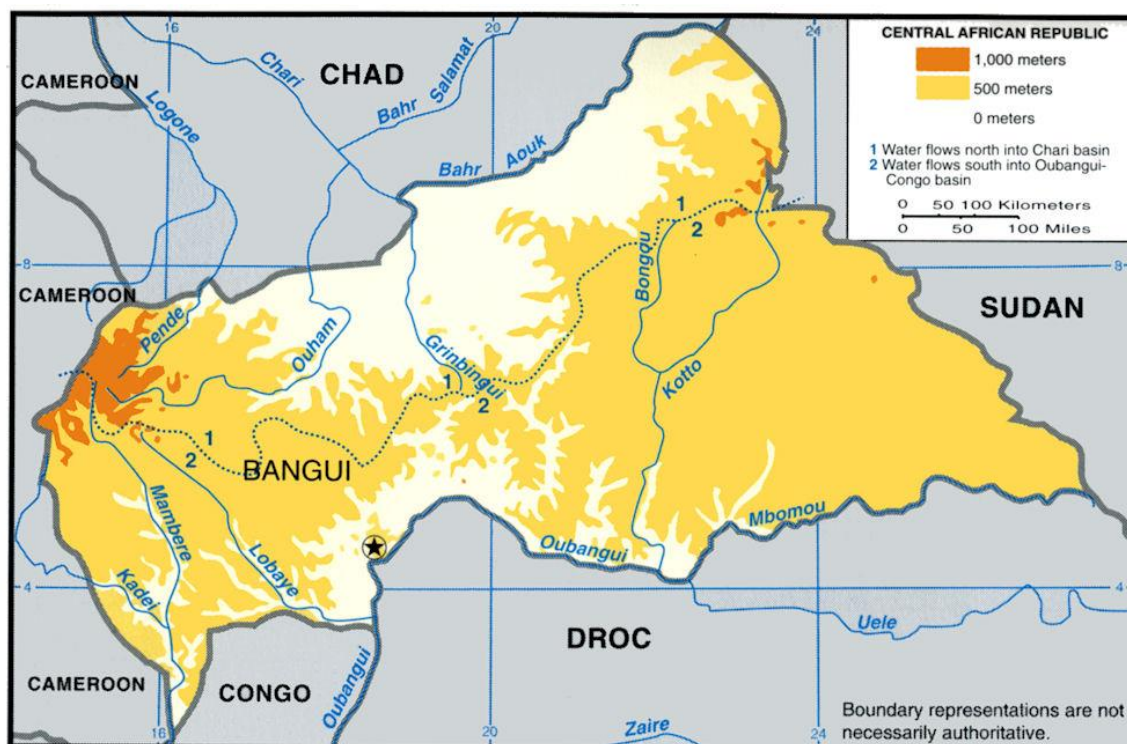


Figura 2 – Topografia e hidrografia da RCA

Fonte: (Global Security, 2018)

A RCA tem cerca de 36,2 % da sua área total coberta de florestas, na sua região sudoeste e em algumas zonas dispersas pelo sul, sendo que o restante do território é caracterizado essencialmente por savana, contabilizando uma percentagem reduzida de área com potencial agrícola, cerca de 8,1 % do total (CIA, 2018).

Apresenta um clima tropical, mais húmido a norte do país e na zona de floresta equatorial a sul. A estação de chuvas ocorre de março a outubro, eventualmente até novembro, com ocorrência diária típica de fortes chuvas, que condicionam gravemente os movimentos nos caminhos de terra utilizados naquele TO (Varino, 2018), assim como nevoeiros matinais, com temperaturas a variar entre os 19 e os 30°C (Encyclopædia Britannica, 2018). A estação mais seca ocorre de novembro a fevereiro, ocasionalmente até março, caracterizada por ar seco e temperaturas a variar entre os 18 °C e os 40 °C, com uma amplitude térmica considerável entre um período de dia quente e um período noturno fresco. Tempestades de areia ocorrem no extremo norte do país (Encyclopædia Britannica, 2018).

3.2. Social

A população da RCA, que tem como línguas oficiais o Francês e o Sango⁴, é estimada, aproximadamente, em 4,3 milhões de habitantes distribuídos por mais de 80 grupos étnicos (CIA, 2018), nomeadamente os Gbayas (33%), Banda (27%), Mandjia (13%), Sara (10%), Mboum (7%), e outros grupos (10%) (Figura 3).

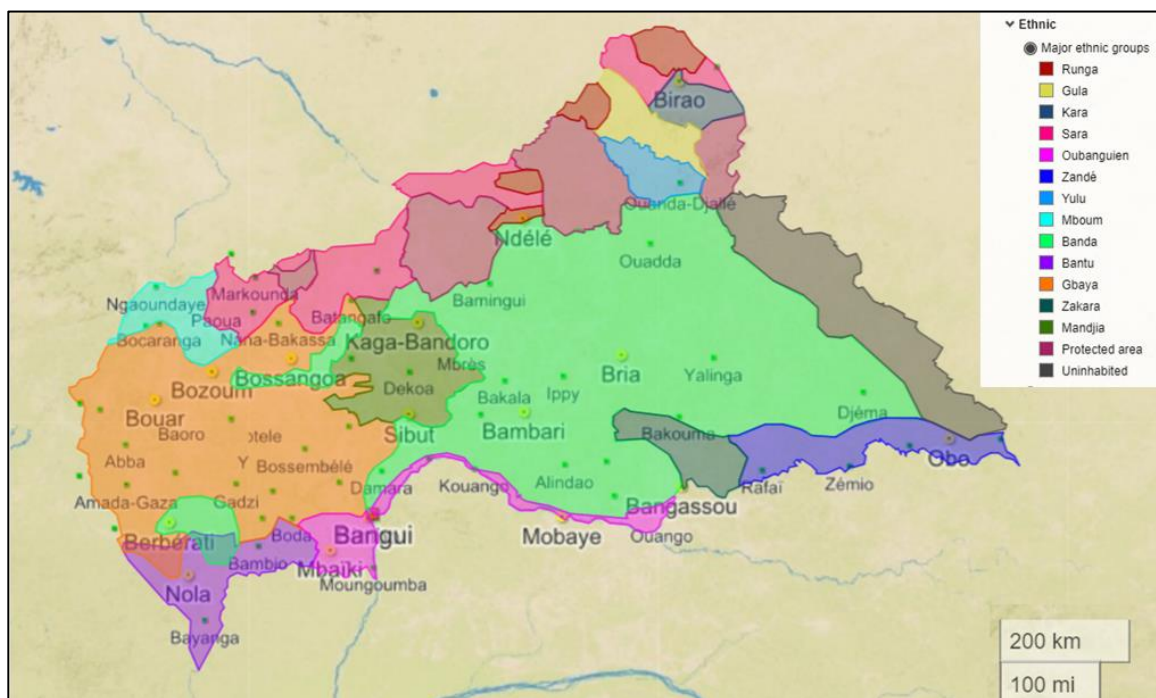


Figura 3 – Distribuição geográfica das principais etnias, RCA

Fonte: (IPIS, 2014)

A maioria da população encontra-se na região ocidental e na região central do país, estando bastante concentrada junto à urbe principal, nomeadamente a capital Bangui, com uma taxa de literacia abaixo de 50 % (CIA, 2018). Destaca-se também a existência de várias comunidades religiosas, agrupadas em três principais grupos religiosos representados pelos cristãos (50%), dos quais metade são católicos romanos e metade são protestantes, pelos animistas⁵ (35%) e pelos muçulmanos (15%) (CIA, 2018).

Apesar de apresentado como um conflito étnico-religioso, a posição dos líderes religiosos é caracterizada por uma procura de paz e reconciliação, procurando minimizar a cisão social atual (Dukhan, 2016, p. 17). Varino (2018) salienta que a RCA caracteriza-se

⁴ Outros idiomas presentes são Baya (Gbaya), Banda, Ngbaka, Sara, Mbum, Kare, e Mandjia.

⁵ O animismo é usado na antropologia da religião como um termo para o sistema de crenças de alguns povos tribais indígenas.



por ser “*um conflito de controlo de recursos e natureza política do controlo dos destinos do país*”, mais do que um conflito de cariz religioso. Refere, no seu testemunho, que, inclusive no sector central do país, existe coligação entre grupos armados, a serem caracterizados no capítulo 4, que têm religiões diferentes, mas que se agregam por interesses comuns.

Desde 2013 que a violência e perseguição, aliadas à degradação das infraestruturas, potenciaram um elevado número de pessoas em situação precária e sem abrigo. Em 2016, mais de 434.000 pessoas são referenciadas como refugiadas e 2,3 milhões de pessoas em dependência elevada de ajuda humanitária por todo o país (Amnesty International, 2017). A situação atual reportada pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) é de que, em 2017, milhares de centro-africanos continuam a atravessar fronteiras para fora da RCA, em especial para o Chade, e estima-se que meio milhão se encontra em situação de refugiados. Segundo esta mesma agência, o registo de deslocados ultrapassa o valor de 688 mil pessoas (ACNUR, 2018).

A RCA apresenta uma esperança média de vida baixa, a rondar um valor médio na população de 52,8 anos⁶, estando a elevada taxa de mortalidade relacionada com a crise humanitária, que se tem vindo a agravar, inclusivamente com mortes atribuídas a doenças tratáveis e possíveis de prevenção, como a malária e malnutrição. A mortalidade relaciona-se também com a prevalência de população infetada com síndrome da imunodeficiência adquirida (SIDA)⁷, com a falta de apoio sanitário adequado generalizado, assim como com a precariedade da própria segurança alimentar⁸ no país (CIA, 2018).

3.3. Política

A RCA tem um governo tipo República Presidencial, tendo o atual presidente Faustin Archange Touadera tomado posse em março de 2016 (CIA, 2018).

A RCA divide-se administrativamente em prefeituras (Figura 4) e caracteriza-se, em termos de forma de governação, como uma república multipartidária.

⁶ Valores estimados referentes a 2017, para população masculina com 51,4 anos e população feminina de 54,2 anos (CIA, 2018)

⁷ 130,000 Pessoas, dados estimados 2016 (CIA, 2018)

⁸ Incluindo uma falta de água potável generalizada.

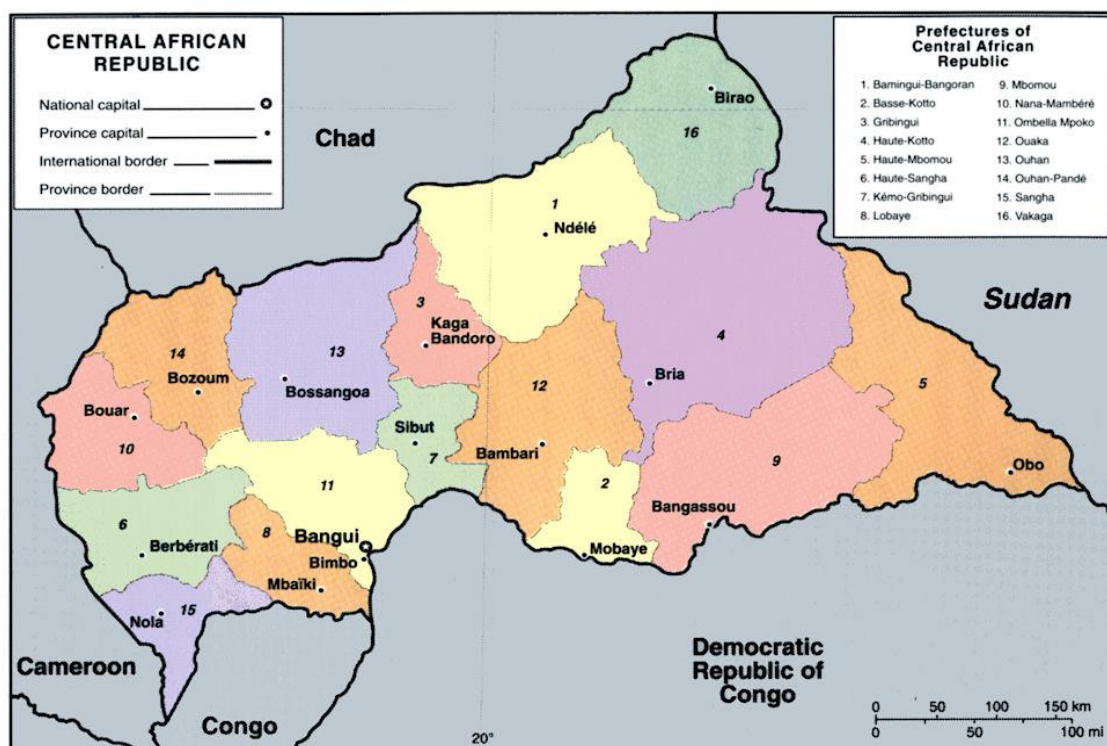


Figura 4 – Prefeituras da RCA

Fonte: (Global Security, 2018)

De acordo com a atual constituição, a eleição presidencial ocorre por sufrágio direto e refere-se a um período de 5 anos, ocorrendo as próximas eleições presidenciais previsivelmente em 2020. Em termos de poder legislativo, a Constituição também prevê um Primeiro-Ministro, um Conselho de Ministros e uma Assembleia Nacional de 105 membros (CIA, 2018).

Fruto do passado recente, a RCA constitui-se, à luz da comunidade internacional, como um Estado Frágil⁹ (FFP, 2017), vivenciando-se uma situação política atual bastante debilitada, de forte instabilidade interna, com uma quase inexistência de prestação de serviços públicos, resultando numa patente ineficácia do governo em providenciar as condições básicas de bem-estar à sua população, destacando Figueira (2018) e Varino (2018) que o governo não controla nem garante presença na maior parte do território. São recorrentes as violações dos direitos humanos (HRW, 2018, pp. 125-126), pelo que a falta de segurança ainda é generalizada, existindo uma elevada dificuldade de implementação da

⁹ Ocupando o terceiro pior lugar de 178 países em análise geral no estudo “*The Fragile States INDEX 2017*”, difundido pela organização *Fund for Peace*.



lei e ordem pública. Tal traduz-se numa ainda forte necessidade de intervenção externa no país que é patente na recente postura de incremento de efetivos da ONU naquele TO.

3.4. Militar

As FACA encontram-se em processo de regeneração (Varino, 2018) desde 2013, estando as suas estruturas incompletas e mal definidas. Os militares não recebem salários, há falta de meios e pessoal para atuar no território, tendo o seu efetivo nunca ultrapassado os 8.000 militares (McGrew, 2016, p. 10). As FACA são constituídas, em parte, por elementos do grupo armado *anti-Balaka*, que utilizam meios e armamento das FACA, sem o consentimento do Governo, para ações próprias, sendo as FACA considerada uma força não-obediente ao Governo (Figueira, 2018).

As forças de segurança (*Gendarmerie* e Polícia Nacional) não têm pessoal e equipamento para cobrir a extensão de área atribuída. Em 2014, a ONU pagava o salário a vários milhares de elementos das forças de segurança e judiciais, fornecia equipamento básico e viaturas para que estas forças conseguissem efetuar as suas tarefas básicas (McGrew, 2016, p. 10). Não existe uma uniformidade no fardamento das forças de segurança, sendo por vezes confundidos com grupos armados (Figueira, 2018). De forma a colmatar a falta de salários às forças de segurança, estas executam frequentemente operações de fiscalização rodoviária para extorquir dinheiro à população local e elementos civis das OI (Figueira, 2018).

A RCA tem presente no seu território diversas OI, nomeadamente a ONU desde 2013, atualmente através da força internacional *MINUSCA* (ONU, 2018) e a UE com a *European Union Training Mission in Central African Republic (EUTM -RCA)* desde 2016 (EEAS, 2018).

A *EUTM-RCA* tem apenas um efetivo de 170 elementos de 10 nações (Figura 5), todavia tem a missão de ministrar treino operacional e formação às FACA, assim como assessorar o Ministério da Defesa da RCA e o Estado Maior General do Exército (EEAS, 2018). Não obstante, esta missão parece revelar-se infrutífera, visto que as FACA estão pouco motivadas, devido à falta de salários e de alimentação diária por períodos até 24h (Figueira, 2018).

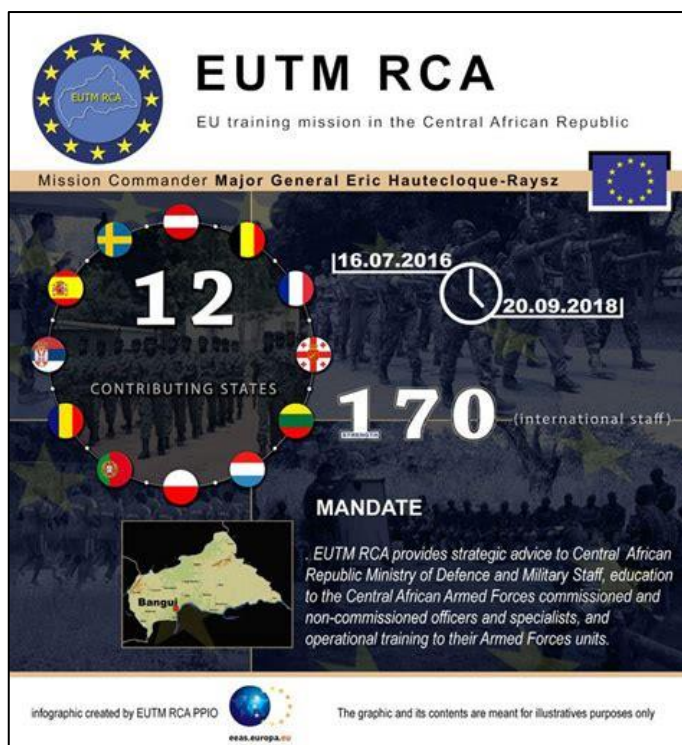


Figura 5 – Composição da *EUTM-RCA* em 2016-2018

Fonte: (EEAS, 2016)

A ONU é a maior OI presente na RCA, através da *MINUSCA*, composta por cerca de 14.000 elementos (Figura 6), dos quais 12.870 são forças militares e policiais, denotando que a maior parte dos dez maiores países contribuintes de forças são países africanos (Figura 7).

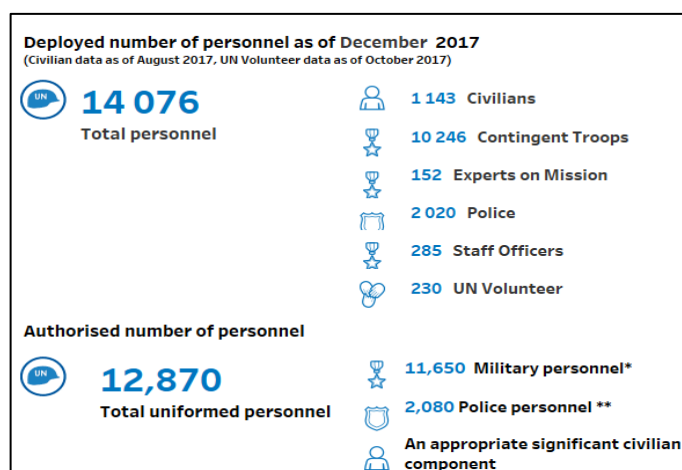


Figura 6 – Composição da *MINUSCA* em 2017

Fonte: (*MINUSCA*, 2017)

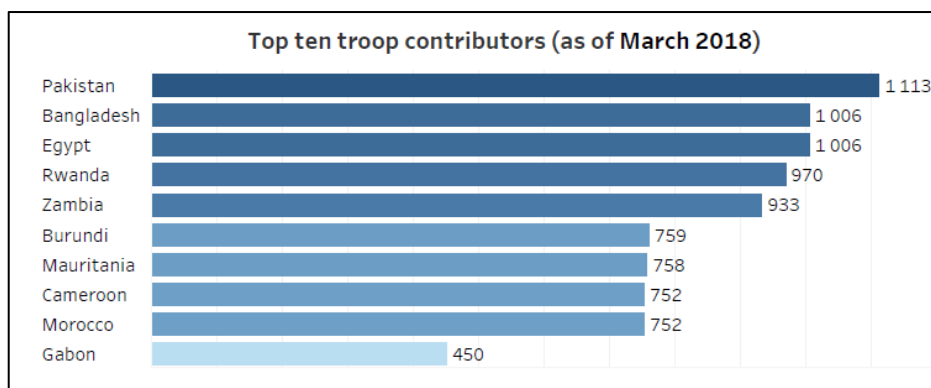


Figura 7 – Maiores contribuintes para a MINUSCA em 2018

Fonte: (MINUSCA, 2018)

A sua prioridade é a proteção de civis e direitos humanos, promover o processo de transição, apoiar a ajuda humanitária, execução de justiça, Estado de Direito e processo de desarmamento, desmobilização, reintegração e repatriação (DDRR) (ONU, 2018). Porém, a ONU não tem o apoio total da população (Figueira, 2018), em parte devido aos cerca de 200 casos registados de abuso sexual praticados por elementos da MINUSCA, alegando-se como causas a presença de forças africanas e asiáticas com lacunas na preservação dos direitos humanos (Figueira, 2018). Há relatos de uma ausência de atuação de forças muçulmanas da MINUSCA contra forças *Ex-Selekas*, obrigando à deslocação de outras forças não muçulmanas para atuarem contra estes grupos armados (Figueira, 2018). Somando a isto, o processo de DDRR tem-se revelado um fracasso, o armamento entregue pelos ex-combatentes está quase na sua totalidade inoperacional (Figueira, 2018) e (Varino, 2018). Como exemplo, em 400 armas entregues apenas 2 estavam aptas para uso (Figueira, 2018).

3.5. Economia

As principais bases da economia são a agricultura de subsistência, indústria madeireira e exploração mineira, sendo que a agricultura gera mais de metade do PIB (CIA, 2018). As atividades agrícolas resumem-se aos níveis de subsistência, embora seja um país com condições agrícolas propícias ao cultivo em grande escala de café e algodão, contudo não há capacidade de apoiar estas atividades (MG, 2018). A principal exportação é a madeira (toros (35%) e de serração (12%)) (OEC, 2018). Devido à sua instabilidade, a RCA baseia-se numa “economia de guerra”, existindo este modelo de economia já antes deste conflito, mas tendo-se agravado consideravelmente (Dukhan, 2016, p. 10).

A RCA tem um reduzido PIB – *per capita*, USD\$ 700, ocupando a 229ª posição a nível mundial (CIA, 2018), apesar de ter grandes quantidades de recursos naturais (ouro, diamantes, cobre, urânio e madeira), conforme exposto na Figura 8. Todavia o seu acesso ao

nível industrial é inadequado (insegurança, falta de infraestruturas, corrupção) (McGrew, 2016, p. 19). O Banco Mundial (BM) e o Fundo Monetário Internacional têm apoiado monetariamente com centenas de milhões de dólares o desenvolvimento de infraestruturas e meios para impulsionar a economia, contudo a insegurança impede o PIB de recuperar para os níveis de 2013 (CIA, 2018).

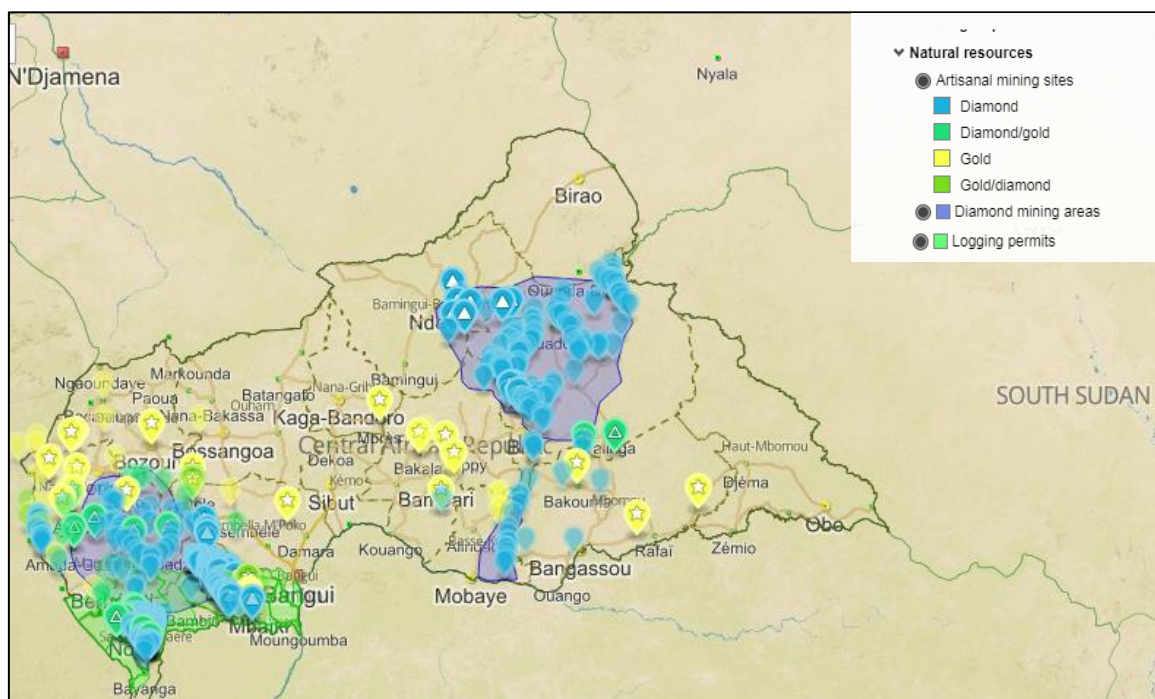


Figura 8 – Mapa dos recursos minerais na RCA

Fonte: (IPIS, 2014)

A instabilidade política permitiu que os grupos armados tomassem conta dos vastos recursos naturais (diamantes, ouro e caça) e que tenham dividendos da sua exploração através de contrabando, impostos e atribuição de licenças, sendo estes lucros um incentivo para os grupos armados continuarem com os conflitos em vez de negociar a paz (Dukhan, 2016, pp. 2-8, 38-40).

A elevada taxa de desemprego de 80% é devida à quase inexistência de indústrias ou atividades agrícolas (em grande escala) (MG, 2018), sendo a taxa de crescimento de produção industrial de 2%, ocupando a posição 107 a nível mundial (CIA, 2018).

3.6. Infraestruturas

A falta de infraestruturas tem levado o BM a apoiar vários projetos de construção desde 2011 com dezenas de milhões de dólares (McGrew, 2016). Contudo, do total de 20.278 km de estradas, apenas cerca de 1.400 km têm pavimento, ocupando a 107ª posição no ranking

mundial (CIA, 2018). A falta de estradas e escolas tem sido uma das razões de descontentamento mais reivindicadas pela etnia muçulmana (McGrew, 2016, p. 40). A falta de estradas pavimentadas (Figueira, 2018) e (Varino, 2018) e de infraestruturas associadas necessárias no país para promover a circulação de bens e pessoas tem afetado severamente o comércio e indústrias (McGrew, 2016, p. 9).

O território conta com 39 aeroportos (Figura 9), apenas dois têm pistas de aterrissagem pavimentadas, em Bangui (comprimento da pista 2.600m) e Berberati, com 1.660m (CIA, 2018). A nível fluvial, existem vários portos fluviais (Figura 9), havendo um porto fluvial para o rio Ubangi na capital (CIA, 2018).

Devido aos conflitos, os alojamentos e infraestruturas públicas estão severamente danificadas, especialmente os locais religiosos. O elevado estado de deterioração destas estruturas tem desencorajado o retorno de deslocados (McGrew, 2016, p. 70).



Figura 9 – Vias de comunicação na RCA

Fonte: (Global Security, 2018)

O sistema judicial não tem capacidade para combater a larga escala de crimes, provocando um sentimento de impunidade nas populações. O poder judicial historicamente não apartidário, associado à violência interétnica, levou as populações a não apresentarem



queixa quando as instituições judiciais e de segurança pertencem a um grupo religioso ou étnico diferente do queixoso. O sistema jurídico tem falta de pessoal, existindo apenas 150 juízes e 40 advogados em 2010, sendo estes vítimas de ameaças e assassinatos (McGrew, 2016, p. 10).

A escassez de escolas em funcionamento, conjugada com a falta de educadores qualificados, tem provocado a paralisia do sistema educacional (MG, 2018).

O país não tem capacidade para conter os prisioneiros nas suas instalações penitenciárias, não cumprindo com os requisitos de segurança. As fugas de prisões são comuns e frequentes, muitas vezes com a conivência das forças de segurança e guardas prisionais (McGrew, 2016, pp. 10, 11).

O acesso à rede elétrica é quase inexistente, abrangendo apenas 3% da população. Associado a isto, somente 5% da área urbana e 1% da área rural têm rede elétrica. A RCA não importa nem exporta energia elétrica, possuindo uma capacidade de gerar 44.000 kW, ocupando a 196ª posição no ranking, sendo 43,2% dependente de combustíveis fósseis e o restante de centrais hidroelétricas (CIA, 2018).

3.7. Informação

De acordo com *British Broadcasting Corporation (BBC)* (2017), o meio de informação mais popular é a rádio. A estação estatal de radiodifusão e televisão *Centrafrique* apresenta limitações na sua rede de difusão em modulação de frequência (FM). A *MINUSCA* também opera uma estação de rádio designada por *Guira FM*, acessível na região de Bangui. Regista-se a existência de algumas outras estações de rádio privadas pertencentes, na maioria, a organizações religiosas. Em termos de rádio internacional, está disponível na região de Bangui a difusão da *BBC World Service*, da rádio *France Internationale* e da rádio *Voice of America*. Os jornais impressos têm uma implementação muito limitada, fruto dos níveis de literacia baixos e de fraca capacidade de distribuição nas zonas mais rurais. Cerca de 224.000 pessoas no país foram referenciadas como estando *online* em 2016, o equivalente a 4.6% da população, caso fossem todos nacionais, sendo que o acesso à *Internet* encontra-se principalmente viabilizado na região da capital (BBC, 2017).

Continuam-se a registar ataques também aos *media* na RCA, não estando garantido um ambiente seguro para o trabalho dos jornalistas no país. De uma forma geral, as poucas publicações impressas resumem-se a boatos e editoriais e a estação de *Rádio Ndeke Luka*, que conta com apoios externos da ONG suíça *Fondation Hironnelle*, é referenciada com capacidade de reportagem ajustada e adequada (RWB, 2018).



O serviço de telefone é limitado, existindo em média uma ligação fixa por cada 100 pessoas e com alguns serviços de redes móveis, mas muito concentrados na região de Bangui (CIA, 2018).

De uma forma geral, o acesso público a informação pela população na RCA é limitado, com exceção eventual das regiões próximas a Bangui, e os serviços de telecomunicações têm que ser providenciados de forma suplementar com apoios externos (Figura 10) (ETC, 2018).

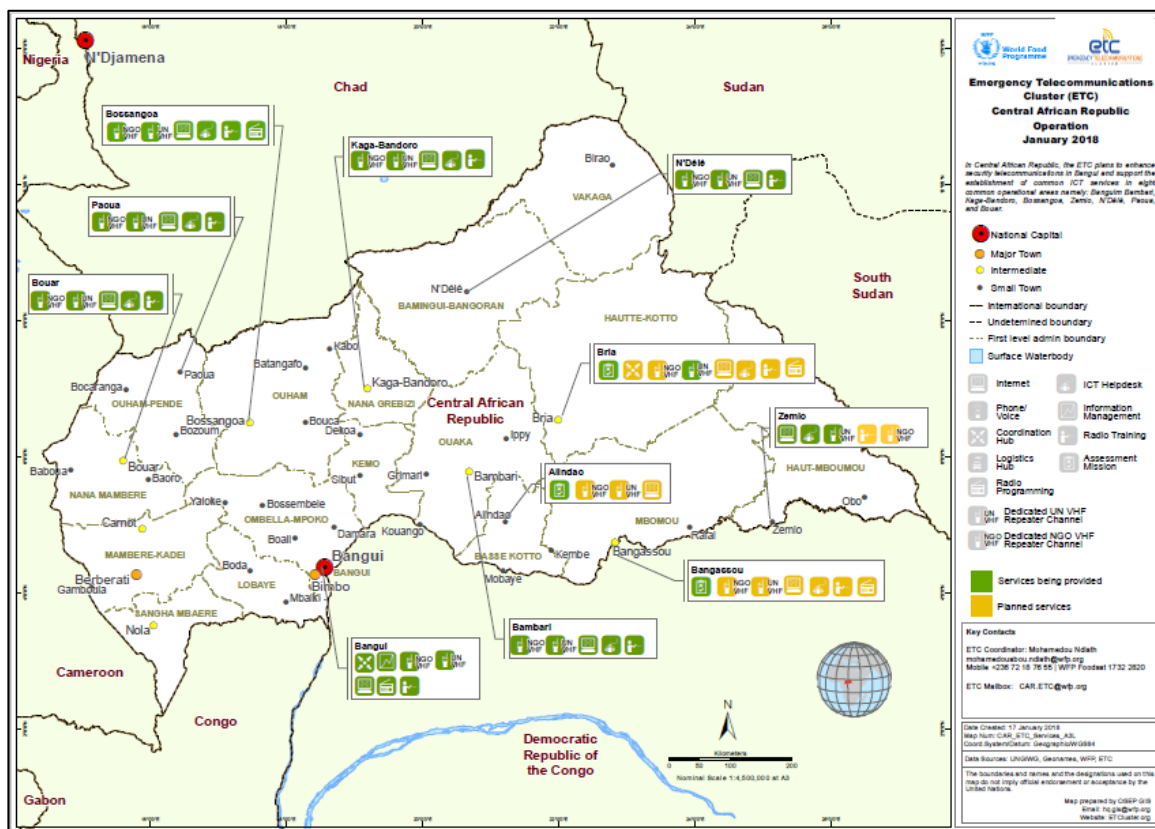


Figura 10 – Operações na RCA da *Emergency Telecommunications Cluster (ETC)* ¹⁰

Fonte: (ETC, 2018)

¹⁰ A ETC é uma rede de organizações que operam em conjunto para providenciar serviços de comunicações em casos de emergências humanitárias



4. Avaliação das Ameaças

Na RCA, após o golpe de Estado de março de 2013 e apesar das inúmeras tentativas para o restabelecimento da paz, diversos grupos armados continuaram a controlar e a exercer influência no território.

A dinâmica do conflito tem sofrido alterações ao longo do tempo e dois fenómenos surgiram:

- A cisão dos dois principais grupos armados em múltiplos grupos rebeldes de dimensão reduzida, cada um com os seus objetivos e alianças oportunistas próprias.
- O emergir de milícias populares desencadeado pelo aumento da violência sectária (Dukhan, 2016, p. 2).

Esta multiplicidade de forças beligerantes presentes na RCA – grupos armados, organizações criminosas, milícias e, por vezes, até as forças armadas do país – torna difícil a sua diferenciação (ICG, 2015, p. 2).

4.1. Movimentos Rebeldes - Movimento *Seleka*

4.1.1. Descrição Geral

Os *Seleka* (“aliança” ou “coligação” em Sango) tiveram na sua origem uma coligação de grupos armados que partilhavam um sentimento de marginalização económica e política.

O grupo armado *Seleka* foi formado em 2012, quando algumas fações acordaram a possibilidade duma coligação com o objetivo de derrubar o Presidente Bozizé. O cerne desta aliança foi constituído por três fações:

- *Convention Patriotique du Salut du Kodro (CPSK)* liderado por Mohamed Moussa Dhaffane.
- *Convention des Patriotes pour la Justice et la Paix (CPJP)* liderado por Nourredine Adam.
- *Union des Forces Démocratiques pour le Rassemblement (UFDR)* liderado por Michel Djotodia.

Entre 10 de dezembro de 2012 e o início de janeiro de 2013, o grupo armado *Seleka*, apoiado por mercenários sudaneses e chadianos, lançou uma ofensiva em larga escala conquistando as bases militares e as explorações mineiras das cidades Bria, Kabo, Ippy e Ndassima, e ainda as capitais regionais de Bambari e Kaga-Bandoro. Consolidando o controlo obtido na região este do país, o grupo armado movimentou-se em direção a Sibut, localizada apenas a 160 km a norte da capital, Bangui. O sucesso da ofensiva *Seleka* desencadeou alianças táticas – umas mais duradouras, outras mais efémeras – com diversos grupos armados, alguns dos quais ressurgiram aproveitando a situação para retirar



dividendos políticos e económicos (Weyns, Hoex, Hilgert e Spittaels, 2014, p.15).

Em 24 de março de 2013, sob a acusação do incumprimento do acordo de Libreville por parte do Presidente Bozizé, os *Seleka* executaram um golpe de estado e Michel Djotodia assumiu a presidência da RCA.

Em 12 de setembro de 2013, devido à pressão internacional, o Presidente Djotodia dissolve o grupo armado *Seleka*¹¹ e declara as FACA como a única força armada legítima na RCA. No entanto, continua a integrar membros *ex-Seleka*¹² nas FACA, nomeando comandantes desse grupo para os altos cargos e atribuindo-lhes zonas de responsabilidade na RCA. Consequentemente, tornou-se difícil distinguir entre membros *ex-Seleka* reintegrados e membros dos *ex-Seleka* que continuavam a combater como insurgentes (ICG, 2015, p. 2).

Em janeiro de 2014, após o Presidente Djotodia ter sido forçado a demitir-se, a coligação *ex-Seleka* dividiu-se em diversos grupos rivais. Esta cisão foi consequência de uma combinação de divisões étnicas, rivalidades de liderança, disputas financeiras e desentendimentos sobre as estratégias a adotar na transição de autoridade (ICG, 2015, p. 8).

Em dezembro de 2015, a coligação *ex-Seleka* dividiu-se em quatro grupos principais com agendas e interesses distintos. Estes grupos serão caracterizados no subcapítulo 4.3.

4.1.2. Objetivos

Desde o início da ofensiva *Seleka* que as estratégias implementadas indicavam motivos claros de ascensão ao poder: em cada capital regional conquistada era instaurada uma administração *Seleka* e utilizaram o instrumento militar para assumir o poder a 24 de março de 2013.

Numa fase inicial a aliança *Seleka* manifestava a sua revolta contra o poder centralizado de Bozizé, exigindo:

- Reformas políticas acordadas anteriormente e não cumpridas pelo regime de Bozizé, como o fim do subdesenvolvimento e da marginalização da população do nordeste do país;
- Investigação de alegadas violações aos direitos humanos cometidos pelo regime;
- Compensação financeira para todos os combatentes *Seleka* que lutaram ao lado de Bozizé no golpe de estado de 2003.

¹¹ Nesta altura operavam cerca de 3500 combatentes *Seleka* em Bangui. Apesar da sua presença ter diminuído, os agora *ex-Seleka* continuavam a operar divididos e fracionados (Weyns, Hoex, Hilgert e Spittaels, 2014, p. 3).

¹² Desde a sua dissolução que a coligação *Seleka* passou a autodenominar-se *ex-Seleka*. Após setembro de 2013 os *Seleka* tem sido designados pelos média como os “novos” *Seleka* ou *ex-Seleka* (Weyns, Hoex, Hilgert e Spittaels, 2014).



– Restituição imediata e incondicional de diamantes, ouro e outros bens saqueados em 2008 (Dukhan, 2016, p. 3).

Posteriormente, quando estiveram no poder não desencadearam qualquer iniciativa sobre o anteriormente reclamado¹³. Durante a Presidência *Seleka* o acesso ao poder e aos fundos públicos teve como objetivo o enriquecimento pessoal do grupo.

A partir de dezembro de 2013, a perseguição e limpeza étnica de muçulmanos a oeste e no centro do país tornou-se num motivo de legitimar as suas ações em defesa das comunidades muçulmanas¹⁴. No entanto, as tentativas de articular um programa político em torno do conflito sectário falharam, assim como a ideia de dividir o país para proteger a população muçulmana (Dukhan, 2016, p. 3).

4.1.3. *Modus Operandi*

Após a tomada do poder, os *Seleka* e mercenários estrangeiros deslocaram-se para oeste saqueando aldeias e cidades, maioritariamente cristãs, cometendo inúmeras violações dos direitos humanos, incluindo execuções sumárias, violações sexuais, sevícias, detenções e cobrança de impostos ilegais (HRW, 2017, p. 18). Apesar de também terem implementado um sistema de impostos paralelo, o grande objetivo eram os ganhos a curto-prazo, obtidos através de saques, assaltos à mão armada, pilhagem, caça ao marfim e caça ilegal. Isto sugere que estas áreas do país foram intencionalmente deixadas aos mercenários chadianos e sudaneses para reivindicar os despojos de guerra. As atrocidades perpetradas na região oeste foram mais violentas do que as a este.

Elementos *Seleka* pertencentes ao grupo *UFDR* e *CPJP* controlaram a região este da RCA desenvolvendo um sistema de impostos sobre as explorações mineiras. Atualmente, as principais zonas de influência do *UPC* e *FPRC* (ver subcapítulo 4.3) coincidem, respetivamente, com as principais áreas produtoras de ouro e diamante.

Por todo o território foram implementados postos de controlo nas fronteiras administrativas dos concelhos onde era exigido o pagamento de taxas. Em simultâneo, desenvolveram outras formas de obtenção de financiamento como, por exemplo, a criação de impostos não oficiais sobre os criadores de gado (Varino, 2018).

¹³ Apesar dos motes da ofensiva *Seleka* nenhum dos 500 decretos assinados pelo presidente Djotodia abordava reformas socioeconômicas (Weyns, Hoex, Hilgert e Spittaels, 2014, pp. 24-25).

¹⁴ Durante a ofensiva inicial os combatentes *Seleka* pareciam discriminar entre a população muçulmana e não muçulmana, embora os muçulmanos não fossem completamente poupados. Após a criação do grupo *anti-Balaka*, os cristãos foram especificamente escolhidos para ataques direcionados (Weyns, Hoex, Hilgert e Spittaels, 2014, p. 24).



4.2. Movimentos Rebeldes - Movimento *anti-Balaka*

4.2.1. Descrição Geral

O nome *anti-Balaka* tem origem nas palavras “*anti-balles AK-47*”, ou seja, os seus membros têm fé que os amuletos que usam os protegerão dos projéteis. O movimento *anti-Balaka*, composto inicialmente por membros cristãos, animistas e muçulmanos, surgiu no ano 2000, na região noroeste (Bossangoa, Bozoum e Bocaranga) como um grupo de autodefesa. Este grupo visava essencialmente defender a sua principal fonte de riqueza, os rebanhos bovinos, de saques perpetrados por bandidos de estrada “Zaraguinas”. Em meados de 2013, intimamente ligado à religião cristã, ressurge o movimento, em oposição aos *Seleka*, aproveitando o mote da autodefesa para se armarem (Weyns, Hoex, Hilgert e Spittaels, 2014).

O termo *anti-Balaka* encobre inúmeros grupos com perfis e áreas geográficas de atuação diferentes, não sendo, por isso, fácil de estimar com exatidão o número de combatentes pertencentes a este grupo. Assim, podemos hoje encontrar neste grupo os originários grupos de autodefesa, membros das FACA, ex-guardas presidenciais de Bozizé e jovens milícias (homens e mulheres) vítimas dos *Seleka*. Apesar da heterogeneidade de membros, aliada a uma limitada estrutura de comando e considerado amiúde como um grupo desorganizado, não se inibem de desempenhar um papel relevante no atual conflito, com uma predominância de atuação na zona ocidental do país. Líderes *anti-Balaka* afirmam que o seu efetivo ronda os 52.000 a 70.000, no entanto, segundo a ONU, este número não ultrapassa os 1.500 (Dukhan, 2016). Esta discrepância nos efetivos prende-se, na nossa opinião, com a diferença entre aquilo que é o efetivo permanente e aquele que conseguem mobilizar e armar.

Em agosto de 2013, já depois de deposto o Presidente Bozizé, é conduzido o primeiro ataque dos *anti-Balaka* contra os *Seleka*. Em outubro os ataques intensificam-se e em dezembro é lançada uma surpreendentemente bem coordenada¹⁵ ofensiva a Bangui, da qual resultaram 1.000 mortos segundo dados da amnistia internacional. Esta ofensiva representa o início de um ciclo de violência generalizada na RCA, que vai muito para além do inicial conceito de autodefesa (Dukhan, 2016).

Em 2014, com a demissão do presidente Djotodia e a progressiva ascendência do movimento, surge a oportunidade de Bozizé, anterior presidente, com estreitas ligações aos *anti-Balaka*, vir a assumir novamente o poder da política nacional na RCA. Esta questão

¹⁵ Dada a limitada estrutura de comando e inferioridade tecnológica ao nível do armamento.



dividiu o movimento em dois grandes grupos. Por um lado, com estreita ligação a Bozizé, surge o grupo Combatentes da Libertação do Povo Centrado em África, sobretudo à custa de antigos oficiais da FACA e liderado por Ngaïssona (Coordenador Geral). Por outro lado, aparece até 2014 uma liderança dividida entre Wenezoui (Coordenador Geral Adjunto) e Kokaté (Chefe dos Assuntos Políticos) e, posteriormente a 2015, Mokom, em oposição às pretensões de Bozizé. Em agosto de 2014, Wenezoui separa-se completamente e cria o seu próprio movimento, Movimento Patriótico para o Futuro, onde inclui cristãos e muçulmano (Weyns, Hoex, Hilgert e Spittaels, 2014, p. 48).

4.2.2. Objetivos

Como vimos anteriormente, o movimento é composto por diferentes grupos, sendo, portanto, difícil identificar objetivos aplicáveis a todos, no entanto, algumas tendências acabam por ser relevantes para a grande maioria. Assim, os *anti-Balaka*, aproveitando o mote da necessidade de criação de grupos de autodefesa, armaram-se para lutar e acabar com o regime *Seleka*, protegendo assim a população cristã. O ressentimento em relação aos muçulmanos, motivado pela repressão, justifica, aos olhos dos *anti-Balaka*, combates extremamente violentos e generalizados a toda a população muçulmana, indo muito além da autodefesa. Parte do movimento, nomeadamente membros da Ex-FACA e a Guarda Presidencial, adicionou o objetivo específico de trazer de volta Bozizé ao poder. Outro dos objetivos é lutar contra as forças Chadianas e Sudanesas que apoiam os combatentes do movimento adversário. Não sendo um objetivo primário, acaba por se revelar necessária a cobrança de impostos ilegais, como uma das principais fontes de rendimento (Weyns, Hoex, Hilgert e Spittaels, 2014).

4.2.3. *Modus Operandi*

Os *anti-Balaka* (Figura 11), alegando que apenas pretendem recuperar o que lhes foi retirado pelos *Seleka*, recorrem a métodos extremamente agressivos e condenáveis à luz do direito internacional para matar muçulmanos, destruir infraestruturas religiosas e saquear. São exemplo disso, as mesquitas queimadas, ataques a colunas e campos de deslocados. Estes ataques são conduzidos principalmente com recurso a armas artesanais e de caça, no entanto também utilizam AK¹⁶-47, RPG¹⁷ e PKM¹⁸ (Varino, 2018). O saque, dirigido essencialmente à população muçulmana, é a principal fonte de rendimento do movimento e dos seus líderes. Outra das formas de atuação e garantia da autossuficiência é a cobrança de

¹⁶ Espingarda automática *Avtomat Kaláshnikova*

¹⁷ *Rocket-propelled grenade* – Lança Granada foguete

¹⁸ *General-purpose machine gun* – metralhadora de calibre 7,62mm

impostos ilegais sobre mercadorias contrabandeadas em vários postos de controlo ao longo dos principais itinerários. Ainda controlam, na região oeste, a mineração do ouro em detrimento dos diamantes, por ser necessário menor investimento para a extração e mais facilmente vendível. Os seus atos extremamente cruéis trazidos a público pela comunicação social levaram à intervenção da ONU. A estrutura superior do movimento possui apenas uma limitada influência sobre os grupos *anti-Balaka* fora da Capital, chegando mesmo a não reconhecer determinados comandantes de zona.



Figura 11 – Área de influência *anti-Balaka* na RCA

Fonte: (Adaptado ONU, 2016)

4.3. Movimentos Rebeldes - Movimentos *ex-Seleka*

4.3.1. *Front Populaire pour la Renaissance de Centrafrique (FPRC)*

A *FPRC* (Figura 12) foi criada em julho de 2014 por Nourredine Adam e tem o apoio de Michel Djotodia (ex-presidente da RCA). Este grupo, que representa a facção extremista dos *ex-Seleka* (ICG, 2015, p. 8), tem perturbado a resolução do conflito recusando cumprir o acordo de Brazzaville (2014) e o acordo de desarmamento, desmobilização e reintegração (DDR) (2015). A *FPRC* rejeitou sistematicamente qualquer governo de transição onde os seus líderes não desempenhassem um papel central no governo (Dukhan, 2016, p. 7).

Em 14 dezembro de 2015, após a *FPRC* ter tentado deter o processo eleitoral e ter sido



um foco de destabilização política e de segurança, Nourredine Adam¹⁹ declara a autonomia da República de Logone, também denominada República de Dar el Kuti, na cidade de Kaga-Bandoro, juntamente com outras quatro prefeituras (incluindo Nana-Grebizi, Bamingui-Bangoran, Haute-Kotto e Vakaga). Todas essas regiões são ricas em recursos naturais (principalmente petróleo, diamantes e ouro), o que explica a sua escolha (Varino, 2018).

A 21 de dezembro de 2015, após a pressão internacional do Presidente Chadiano Déby e da Organização para a Cooperação Islâmica, Nourredine Adam declara que a *FPRC* não iria constituir um obstáculo ao processo eleitoral e não apoiaria mais a divisão do território da RCA, promessa esta que nunca foi cumprida (Dukhan, 2016, pp. 6,7).

Após a eleição do Presidente Touadéra, este recusou partilhar o poder, como era esperado pelos *ex-Seleka* durante a campanha eleitoral. O Presidente Touadéra, ao contrário dos grupos armados, pretende que seja cumprido o DDR antes de qualquer acordo político. É na atualidade o principal ponto de discórdia.

Em outubro de 2016, Nourredine Adam repetiu a sua tentativa de reunião do *ex-Seleka* por forma a incrementar a sua força política, coligando-se com os grupos armados *Mouvement Patriotique pour la Centrafrique (MPC)* e *Rassemblement Patriotique pour le Renouveau de Centrafrique (RPRC)*. A criação desta nova aliança levou a um conflito com o grupo armado *Union pour la Paix en Centrafrique (UPC)* que se recusou aderir à coligação.

Posteriormente, com a ligação oportunista dos *Anti-Balaka* ao *FPRC* para fazer face à *UPC*, o conflito assumiu uma maior preponderância sectária e interétnica (Varino, 2018).

¹⁹ Nourredine Adam afirmou “*What we want first of all is autonomy. Then we’ll look at how to move towards independence*”. Esta afirmação é fundamentada pela ideia que Muçulmanos e Cristãos não poderiam coexistir na RCA (Dukhan, 2016, p.6).



Figura 12 – Área de influência *FPRC*

Fonte: (Adaptado ONU, 2016)

4.3.2. Union pour la Paix en Centrafrique (UPC)

O *UPC* (Figura 13), criado por Ali Darassa²⁰, é um grupo maioritariamente de etnia fula sediado em Bambari. Ali Darassa foi um elemento chave na conquista dos *Seleka*. Em 2014 regressa à RCA, a pedido de elementos de etnia fula que argumentavam ser alvos de extorsão, não só de elementos *anti-Balaka*, mas também de *ex-Seleka*. Em outubro de 2014 cria o *UPC* – apesar de ser considerado um grupo armado moderado, alegadamente as suas milícias têm cometido diversas atrocidades (ICG, 2015, p. 8).

Este grupo tem atuado como defensor da comunidade muçulmana. Declarou ser contra a divisão do país e assinou o acordo de DDR. Em janeiro de 2016 assinou um pacto de não-agressão com o grupo *anti-Balaka* (Dukhan, 2016, p. 6).

²⁰ Ali Darassa era o 2º Comandante e responsável militar do grupo insurgente Chadiano FPR (*Chad's Front Populaire pour le Redressement*) apoiante dos *Seleka* durante a ofensiva no final de dezembro de 2012.



Figura 13 – Área de influência UPC

Fonte: (Adaptado ONU, 2016)

4.3.3. *Rassemblement Patriotique pour le Renouveau de Centrafrique (RPRC)*

O *RPRC* foi criado por três “senhores da guerra” *ex-Seleka*: Herbert Gontran Djono Ahaba (ex-ministro das Minas na presidência de Djotodia), Zacharia Damane e Joseph Zoundeiko.

O *RPRC*, sediado na região de Bria (450 km nordeste de Bangui), é maioritariamente composto por elementos de etnia gula pertencentes ao antigo grupo armado UFDR (uma das três facções principais da aliança *Seleka*).

O grupo é considerado moderado, tendo participado nas negociações e acordos de paz. Não apoia a divisão do país e assinou o acordo de 2015 de DDR (Dukhan, 2016, p. 6). Em outubro de 2016, a ala militar do *RPRC* é absorvida pelo *FPRC*, que juntamente com o *MPC*, criou uma nova aliança para fazer face ao *UPC*.

4.3.4. *Mouvement Patriotique pour la Centrafrique (MPC)*

O *MPC* (Figura 14) foi criado em julho de 2015 por dois ex-membros do *FPRC* da região de Kaga-Bandoro – Mohamed Bahar²¹ and Alkatim Mahamat – devido a divergências com o líder Nourredine Adam. O *MPC* é considerado um grupo moderado, tendo reconhecido os diversos acordos de paz. Afirma que é contra a divisão do território e assinou o acordo DDR (Dukhan, 2016, p. 7).

²¹ Mohamed Bahar é de origem Chadiana e foi chefe de informações militares no ministério da Defesa do Presidente Djotodia (ICG, 2015, p. 39).

Como referido anteriormente, em outubro de 2016 o *MPC* uniu-se à nova coligação *ex-Seleka* para combater o *UPC*.



Figura 14 – Área de influência MPC

Fonte: (Adaptado ONU, 2016)

4.4. Outros movimentos Rebeldes

4.4.1. *Front Démocratique du Peuple Centrafricain (FDPC)*

O *FDPC* (Figura 15) foi criado em 2004 por Adboulaye Miskine, um oficial próximo do antigo Presidente Patassé e opositor do regime de Bozizé. O *FDPC* manteve uma aliança curta com os *Seleka* até março de 2013. As milícias do *FDPC* constituem-se como a principal ameaça na região oeste da RCA, tendo desencadeado diversos ataques a viaturas e raptos no principal itinerário de abastecimento entre os Camarões e Bangui, com impacto negativo na economia nacional. Este grupo não participou no fórum de Bangui, não tendo ratificado o acordo DDR (Dunkhan, 2016, p.7).



Figura 15 – Área de influência FDPC

Fonte: (Adaptado ONU, 2016)

4.4.2. *Révolution et Justice (RJ)*

O *RJ* (Figura 16) foi criado no final de 2013 por Armel Sayo na região de Ouham Pendé. O *RJ* afirma-se como defensor da comunidade local contra incursões provenientes do Chade. Em 2014 registaram-se confrontos entre as milícias *RJ* e *ex-Seleka* e também com pastoralistas-fula da RCA e do Chade. Em agosto de 2014 Armel Sayo, na altura ministro da juventude e do desporto, apoiou financeiramente o *RJ*. O *RJ* e o *MPC* têm colaborado com vista à obtenção de dinheiro através de roubo de gado e implementação de taxas na região de Markounda, aumentando a sua área de influência, no entanto começam a surgir algumas divergências entre eles e atritos com outras fações (Dukhan, 2016, p. 7).



Figura 16 – Área de influência RJ

Fonte: (Adaptado ONU, 2016)

4.4.3. *Retour, Réclamation et Réhabilitation (3R)*

O 3R (Figura 17) foi criado no final de 2015 pelo autoproclamado General Sidiki Abass com o objetivo de proteger os nómadas fula das milícias *anti-Balaka*. O grupo tem desenvolvido ataques no nordeste da RCA contra as forças da ONU e populações apoiantes do movimento *anti-Balaka*. De acordo com o *Human Rights Watch*, o 3R controla algumas áreas da fronteira com os Camarões e, devido à violência dos ataques em larga escala, causou cerca de 17.000 deslocados. O grupo está envolvido em roubo de gado para financiar armamento e munições que adquire no mercado negro (HRW, 2016).



Figura 17 – Área de influência 3R

Fonte: (Adaptado ONU, 2016)

4.4.4. Lord's Resistance Army (LRA)

O *LRA*²² surgiu pela primeira vez na RCA em fevereiro de 2008, na região de Haut-Mbomou (sudeste da RCA). A porosidade das fronteiras, a existência de alvos remuneradores (como extrações mineiras) e o clima de impunidade e de insegurança tornaram a RCA um país atrativo para o *LRA*. As suas receitas provêm da exploração e troca de recursos naturais como o marfim e ouro. O grupo tem cometido abusos generalizados, incluindo ataques contra civis e trabalhadores de agências humanitárias. Em agosto de 2014, o número de combatentes armados na RCA foi estimado em cerca de 200 (ICG, 2015, p. 78). Os seus membros evitam a confrontação com outros grupos presentes na RCA, incluindo as forças internacionais, por forma a preservar as suas munições para a caça furtiva (ONU, 2015).

²² O *LRA* surgiu em 1986 no norte do Uganda, tendo-se tornado num grupo relevante ao longo do tempo devido à perpetração de raptos e de violência contra civis (ICG, 2014, p. 78).

4.5. Diagramas de Relações

Para uma melhor compreensão do ambiente operacional da RCA elaborou-se um diagrama de relações entre os atores considerados mais relevantes.

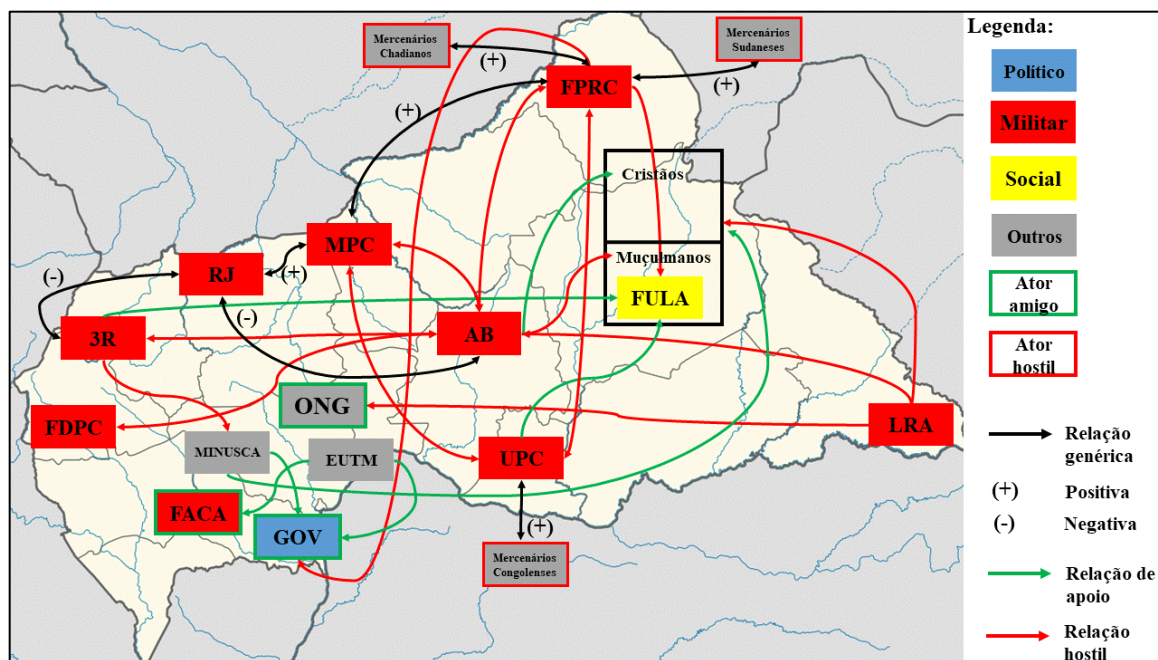


Figura 18 – Diagrama de relações

Fonte: (Autores, 2018)

De forma a complementar a figura anterior, está explanado no diagrama de relações a seguir a relação entre vários grupos armados, sendo que a cor amarela representa grupos relacionados ou derivados do Seleka (formado no final de 2012), a cor de laranja representa os grupos armados relacionados ou derivados com o regime Ange-Félix Patassé, a cor verde simboliza grupos armados relacionados ou derivados do movimento anti-Balaka (formado em início de 2013), a cor azul simboliza grupos armados relacionados ou derivados com países vizinhos. A linha cor de laranja central simboliza alianças político-militares. A espessura da linha simboliza a capacidade de infligir danos, linha grossa simboliza alta capacidade, linha média simboliza capacidade média, linha fina simboliza baixa capacidade.

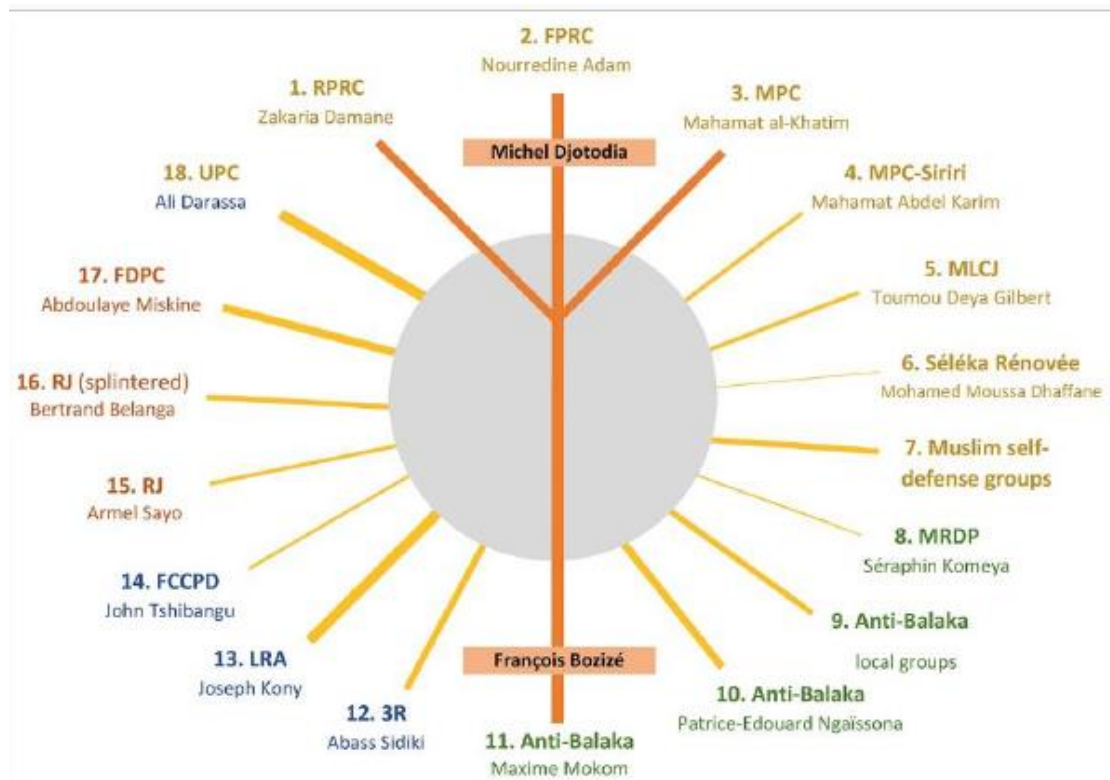


Figura 19 – Diagrama de relações dos grupos armados

Fonte: (Dukhan, 2017)



Conclusões

A inexistência de um estudo do atual AO na RCA e o recente emprego da Forças Armadas no TO revestem o TIG de elevada importância para a compreensão do problema operacional.

A metodologia de análise, com base no raciocínio dedutivo e utilizando uma estratégia qualitativa, foi aplicada ao caso de estudo, em particular, para responder à pergunta de partida “Qual é o problema operacional existente no TO da RCA?”, através da análise das variáveis operacionais e das ameaças presentes na RCA.

Como resposta à PD 1 “Quais são as causas que definem o cenário no qual assenta o atual AO?”, verifica-se que a RCA manteve os padrões de subdesenvolvimento e instabilidade no século XXI, constituindo-se atualmente como um Estado Frágil, que no plano político interno revela grande ineficácia. As causas do conflito associam-se à fragmentação étnica, a focos de tensão de cariz religioso e à aspiração por poder político e económico.

Como resposta à PD 2 “Como é que se caracteriza o atual AO no TO da RCA?” verifica-se que as estruturas governamentais revelam uma fraca capacidade de apoio à população, onde a recorrência de violações dos direitos humanos resulta numa falta de segurança generalizada e na necessidade de intervenção externa no país para a manutenção de paz, estendendo-se às áreas de apoio sanitário, educação e acesso à informação. Proliferam grupos armados que controlam regiões do país por interesses próprios e onde, localmente, se fazem substituir ao poder governativo nessas áreas, por força de ações violentas ou ameaça do uso da força. Estes desenvolvem as suas atividades com vista a obter dividendos e aspiram alcançar posições de relevo em cargos políticos, militares ou de segurança. O País é rico em recursos naturais, mas o seu desenvolvimento económico e industrial é afetado devido à instabilidade criada pelos grupos armados. As FACA e forças de segurança são influenciadas por membros dos grupos armados, carecem de recursos materiais, financeiros e humanos, estando desmotivadas e praticamente inoperantes, apesar do apoio da UE e da ONU. A ação no TO é limitada pelas deficientes condições de transitabilidade ao longo de um território extenso, piorando com os recorrentes períodos de precipitação.

Como resposta à PD 3 “Como se caracteriza a ameaça e qual a dinâmica entre atores da ameaça?” verifica-se que, apesar das inúmeras tentativas para o restabelecimento da paz, diversos grupos armados continuam a exercer influência no território, definindo a RCA como um país fracionado. A dinâmica do conflito tem sofrido alterações, nomeadamente, a



cisão dos dois principais grupos armados em múltiplos grupos rebeldes, cada um com os seus objetivos e alianças oportunistas próprias, e o emergir de milícias populares desencadeado pelo aumento da violência sectária. O grupo armado *ex-Seleka* dividiu-se em diversas facções (*UPC, FPRC, MPC, RPRC*) alinhadas com diferentes etnias, realocalizando-se no centro e no nordeste da RCA. Na sua maioria são grupos bem equipados, bem organizados e que se regem por padrões militares. O *FPRC*, facção mais radical, tentou formar uma “nova aliança *Seleka*”, coligando-se com o *MPC, RPRC* e algumas milícias *anti-Balaka* para combater o *UPC*, que se recusou aderir à coligação. O conflito entre a “nova aliança *Seleka*” e o *UPC* ainda está em curso. Os *anti-Balaka* demonstram em todas as suas ações contra os *ex-Seleka* um comportamento predatório e focado especialmente no ganho de curto prazo, o que motiva preocupações adicionais para não permitir que o movimento evolua para um grupo puramente criminoso, movido exclusivamente por interesses económicos onde impera a corrupção. A violência entre muçulmanos e cristãos tem raízes sociais e económicas e não está diretamente relacionada com a ideologia religiosa, como aparentemente possa parecer.

O problema operacional pode traduzir-se na incapacidade do estado em garantir segurança e o bem-estar da população, aliado à inexistência do sistema judicial, o que torna a RCA num país onde emergem grupos armados, que desenvolvem as suas atividades com vista à obtenção de dividendos e que esperam um lugar nas negociações, para alcançar posições de relevo em cargos políticos, militar ou de segurança. O restabelecimento da paz passa também pela atuação junto dos grupos armados. Para alcançar a cooperação dos *ex-Seleka* estes precisariam de acreditar que o processo de paz ajudaria a enfrentar as desigualdades regionais, a diminuição da marginalização das suas comunidades e a concessão do controlo partilhado sobre os recursos naturais e as fronteiras. O sucesso no DDR dos *ex-Seleka* levaria concomitantemente à diminuição das milícias de autodefesa, nomeadamente os *anti-Balaka*.

A investigação teve como limitação a própria dinâmica associada a um conflito em constante mutação e o estudo dos atores da ameaça. Desta forma, recomenda-se como investigação futura uma análise continuada das variáveis operacionais, da dinâmica das ameaças na RCA e um estudo dos atores não ameaça (OI, países, Forças Armadas e Forças de Segurança), resultando num conhecimento atualizado do AO em prol do Exército Português.



Referências Bibliográficas

- ACNUR, 2018. *nacoesunidas.org*. [Em linha]
Disponível em: <https://nacoesunidas.org/numero-sem-precedentes-de-civis-foge-da-republica-centro-africana-alerta-agencia-da-onu/>
[Acedido em 17 Fevereiro 2018].
- Amnesty International*, 2017. *Amnesty International Report 2016/17*, Londres: Amnesty International Ltd.
- BBC, 2017. *BBC*. [Em linha]
Disponível em: www.bbc.com/news/world-africa-13150043
[Acedido em 10 fevereiro 2018].
- Bradshaw, R. A. e Rius, J. F., 2007. *The History Files*. [Em linha]
Disponível em: www.historyfiles.co.uk/FeaturesAfrica/AfricaCAR_Dar-al-Kuti01.htm
- Caldeira, J. P., 2018. *GGA - Jornal de todos os Brasis*. [Em linha]
Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/a-historia-de-jean-bedel-bokassa-ditador-da-republica-centro-africana>
[Acedido em Fevereiro 2018].
- Campos, L., Santos, J., Vieira, N. e Silva, Y., 2016. *O Conflito na República Centro Africana*. [Em linha]
Disponível em: <http://studylibpt.com/doc/3643653/o-conflito-na-rep%C3%BAblica-centro-africana>
- CIA, 2018. *CIA World Factbook*. [Em linha]
Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ct.html>
[Acedido em 16 Fevereiro 2018].
- CL, 1988. *Lexicoteca - Moderna Enciclopédia de Universal*. s.l.:Círculo de Leitores.
- Dukhan, N., 2016. *The Central African Republic crisis*, Birmingham, UK: GSDRC, University of Birmingham.
- EEAS, 2018. *European External Action Service*. [Em linha]
Disponível em: https://eeas.europa.eu/csdp-missions-operations/eutm-rca_en
[Acedido em 22 Fevereiro 2018].
- Encyclopædia Britannica*, 2018. *Encyclopædia Britannica*. [Em linha]
Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Central-African-Republic>
[Acedido em 15 fevereiro 2018].



- EP, 2012. *Publicação Doutrinária do Exército 3-00 Operações*. Lisboa: EP.
- EP, 2017. *Processo de Decisão Militar 5-00, Volume II*. Lisboa: Exército Português .
- ETC, 2018. *Emergency Telecommunications Cluster*. [Em linha]
Disponível em: <https://www.etcluster.org/emergencies/central-african-republic-conflict>
- FFP, 2017. *www.fundforpeace.org*. [Em linha]
Disponível em: <http://fundforpeace.org/fsi/country-data/>
[Acedido em 19 Fevereiro 2018].
- Figueira, J., 2018. *A instabilidade na RCA em 2016/2017* [Entrevista] (4 Maio 2018).
- Giles-Vernick, T. L., Hoogstraten, J. S. v. e O'Toole, T. E., 2018. *Encyclopaedia britannica*.
[Em linha]
Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Central-African-Republic>
[Acedido em Fevereiro 2018].
- HRW, 2016. *Human Rights Watch*. [Em linha]
Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2016/12/20/central-african-republic-mayhem-new-group>
[Acedido em 20 Maio 2018].
- HRW, 2017. *Human Rights Watch*. [Em linha]
Disponível em: https://www.hrw.org/sites/default/files/report_pdf/car0717_web.pdf
[Acedido em 27 Janeiro 2018].
- HRW, 2018. *WORLD REPORT 2018*, United States of America: HUMAN RIGHTS WATCH.
- ICG, 2015. *International Crisis Group*. [Em linha]
Disponível em: <https://d2071andvip0wj.cloudfront.net/230-central-african-republic-the-roots-of-violence.pdf>
[Acedido em 25 Janeiro 2018].
- INFOPLEASE, 2017. *INFOPLEASE*. [Em linha]
Disponível em: <https://www.infoplease.com/country/central-african-republic>
[Acedido em Fevereiro 2018].
- Kuryla, P., 2018. *Encyclopaedia Britannica*. [Em linha]
Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Pan-Africanism>
- Lombard, L., 2014. *Cultural Anthropology*. [Em linha]
Disponível em: <https://culanth.org/fieldsights/539-a-brief-political-history-of-the>



central-african-republic

[Acedido em Fevereiro 2018].

McGrew, L., 2016. *Conflict Analysis: Central African Republic*, Baltimore, USA: Catholic Relief Services .

MG, 2018. *A situação da RCA* [Entrevista] (01 Maio 2018).

OECD, 2018. *The Observatory of Economic Complexity*. [Em linha]
Disponível em: <https://atlas.media.mit.edu/en/profile/country/caf/>
[Acedido em 09 Maio 2018].

ONU, 2015. *Final report of the Panel of Experts on the Central African Republic extended pursuant to Security Council resolution 2196*. [Em linha]
Disponível em: http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/2015/936
[Acedido em 15 Maio 2018].

ONU, 2018. *United Nations Peacekeeping*. [Em linha]
Disponível em: <https://peacekeeping.un.org/en/mission/minusca>
[Acedido em 22 Fevereiro 2018].

RWB, 2018. *Reporters Without Borders*. [Em linha]
Disponível em: <https://rsf.org/en/central-african-republic>
[Acedido em 15 fevereiro 2018].

União Africana, 2013. *União Africana*. [Em linha]
Disponível em: www.peaceau.org/en/article/transfer-of-authority-from-micopax-to-misca

Varino, A., 2018. *A instabilidade na RCA em 2017/2018* [Entrevista] (15 Maio 2018).

Weyns, Y., Hoex, L., Hilgert, F. e Spittaels, S., 2014. *Mapping Conflict Motives: Central African Republic*, s.l.: IPIS.

Wondji, A. A. M. e. C., 2010. *História Geral da África, Volume VII África desde 1935*. s.l.:UNESCO.



Apêndice A — Entrevista a Oficial da Polícia de Segurança Pública, presente na RCA em 2016/2017 – Intendente José Figueira

1. Pode explicar que funções no âmbito da ONU desempenhou na RCA, incluindo as principais tarefas e o período em que esteve na RCA?

Estive na RCA de julho de 2016 a junho de 2017, como *form police unit, FPU coordinator officer*, é um serviço de coordenação das unidades constituídas de polícias, polícia das Nações Unidas.

A polícia das Nações Unidas que são projetadas na zona de missão são compostas *Individual Policial Officer (IPO)* e as unidades constituídas de polícia, eu próprio era uma IPO, a minha função foi de coordenar, formar treinar as unidades das Nações Unidas constituídas de polícia, mas na vertente das unidades de segurança pessoal.

Durante o meu período foi uma unidade do Ruanda e outra do Senegal, com uma estrutura muito idêntica à da companhia, com 4 pelotões, 3 pelotões operacionais e 1 pelotão de apoio de serviços, com comando que podia ir até coronel dada a elevada responsabilidade, a força tem período de aprontamento, 6 meses de aprontamento, é uma unidade constituída de polícia, que sai como um todo, contudo na formação do país de origem é composta por elementos de policia que não são todos da mesma unidade de origem.

As Nações Unidas têm um largo espectro que definem o perfil das unidades a projectar, e as unidades antes de serem projetadas são sujeitas a um processo constituídos *por Assesment for Mission Service*, o AMS, o *Assesment of Operational Capabilities*, AOC.

Este é levado a cabo pelas equipas *FPAT, Form Police Units Assesment Teams*, do qual eu fiz parte, fomos ao terreno avaliar estas unidades, durante julho 2016 a junho 2017, foi convidado a ficar para continuar a minha missão, contudo, tive de regressar por questões que se prendiam com a formação, brevemente vou integrar o Departamento de Seleção e Recrutamento da *Police Units* da Nações Unidas, da *Police Division* em Nova York, para selecionar unidades constituídas e os IPO,

É um processo muito rigoroso, que inclui um período de verificação médica, verificação das capacidades operacionais.

A avaliação tem verificar que têm o perfil definido pelas Nações Unidas, tais como anos de idade, anos experiencia, que têm domínio da língua francesa ou inglesa, consoante as funções varia o domínio da língua. Numa unidade constituída de polícia quem tem de dominar a língua é o comandante, 2ºcomandante, oficial de operações, logística, oficial médico, comandante de pelotão e comandante de secção, temos de fazer o *assesment* de línguas, recebendo por email os testes escritos a realizar.

Antes de serem projetada a FPAT, o país que nos vai receber tem de seguir uma série de requisitos como ter uma sala para realizar o teste de línguas, com áudio, uma parte de interpretação de texto e outra parte de elaboração de relatório.

Outra componente é avaliação de manuseamento de armas, montagem, manutenção de utilizador, tiro para agentes com espingarda automática e pistola, com distâncias *standard*, com alvos padronizados.

Também existe um *assesment* de condução e manuseamento de veículos, para quem vai ter a função de condutores, uma prova de condução padronizada pelas Nações Unidas, durante o meu período na RCA fui ao Ruanda e Senegal. AS *FPAT* eram muitas com pessoal da zona de missão e de Nova York, contudo havia falta de pessoal em Nova York, acabou por ser apenas pessoal da zona de missão avaliar.

Há depois um exercício final, com um guião definido por quem chefia a missão, guião, como uma história, onde tinham de planear e executar uma operação em 24h, com todas componentes a atuar.

Estas forças são projetadas para um país onde não existe segurança pessoal, aos presidentes, juízes, testemunhas de crimes de guerra, ministros, se estamos a tentar reconstruir um estado temos que credibilizar e proteger os seus próprios dirigentes. Os governantes têm de ser civilizados, têm de se aproximar da população, não



podem usar as forças armadas como seguranças pessoais, sendo uma proteção excessiva, até porque muitas vezes os militares são os revoltosos.

Também tentamos fazer o *capacity building*, que é o reforçar das capacidades formação das forças locais, no entanto não é prioritário, muitas vezes procuramos um trabalho em conjunto, por simpatia, por influência, para gerarmos uma empatia com eles (forças locais), não podem ser ostracizados. O nosso mandato da missão, define o nível de intervenção, não exercemos a atividade policial na RCA, não nos substituímos às forças de segurança locais, quanto muito é acompanhar e monitorizar.

2. Como acha no seu ponto de vista, o sistema judicial na RCA?

O sistema judicial na RCA está parado, não assisti a nenhuma diferença para melhor, veja o exemplo do Congo, é a mais antiga missão das Nações Unidas em curso, que começou nos anos 60, eu prevejo que esta missão pela minha sensibilidade e pelo estado em que eu vi o país dure bastante tempo, aquele país (RCA) está mergulhado numa profunda crise a todos os níveis, o sistema da justiça não funciona, a economia não funciona, eu acredito que exista uma pequena camada da população que beneficie de toda a riqueza que aquele país, é um país muito rico, muito verde tem, mas maior parte da população está na pobreza extrema.

No fundo o grande problema do país não é religioso, há ali um fator religioso pela existência de muçulmanos na região, mas o conflito no país é duramente e puramente uma disputa territorial de zonas de riqueza. É um conflito armado entre grupos que são cada vez mais.

Os franceses continuam na RCA com contratos de exploração de urânio, é por isso que antes das missões das Nações Unidas, os franceses destacaram para lá a Operação Sangaris, que país manda 3000 militares para África, do qual já não é deles, do qual não tem nenhuma governação, só devido a grandes interesses económicos, contudo não se vê franceses na rua. Se formos a países que foram colónias portuguesas, vemos portugueses por toda a parte, mestiços, mestiças, filhos de mulheres e homens brancos, ali não se vê mestiços, não se vê franceses na rua, as pessoas na RCA odeiam os franceses. Mas não está lá ninguém, a não ser nas explorações, não há mistura, interculturalidade, entre os franceses e as pessoas da RCA.

Temos de ter presente que eles (RCA) estão 500 anos atrasados em relação a nós, temos de pensar como seria Portugal há 500 anos, eles têm de ter quadros superiores, têm de alcançar a paz, para que este país possa ser verdadeiramente independente, não estamos numa verdadeira administração internacional, mas quase que estamos, é quase uma administração internacional.

Uma coisa é certa, se é mau as Nações Unidas lá estarem, se se pode apontar o dedo as Nações Unidas, com tudo de mau que as Nações Unidas têm feito, será pior quando as Nações Unidas abandonarem, é importante estar lá.

O Presidente da RCA não quer que as Nações Unidas saiam, porque quem deu a possibilidade deste Presidente ser eleito e tomar o poder, foram as Nações Unidas, só assim pôde haver eleições livres. As populações têm um grande sentimento de ódio pelas Nações Unidas, muito se deve aos 200 casos de abuso sexual registados, que é um dos temas que se debate muito na formação das unidades constituídas de polícia. É muito fácil numa zona de conflito como esta, quem for mal-intencionado, com um maço de tabaco ou uma cerveja comprem um ato sexual.

Temos de pensar que há franceses mal-intencionados e portugueses mal-intencionados, mas não podemos esquecer que as unidades constituídas da polícia, do que eu me lembro em 18 países intervencionados pelas Nações Unidas, dos quais 7 têm unidades constituídas de polícia, a RCA tinha 13 unidades constituídas de polícia, logo 13 vezes 180 homens na RCA, para cada uma dessas projetada, tem de ter mais duas na retaguarda, 1 em aprontamento e outra seleção, para cumprir as rotações, assim o risco é elevado face efetivo. Neste momento as unidades constituídas de polícia são todas africanas ou asiáticas, não há nenhuma europeia, tais como Ruanda, Senegal Congo, Mali, Jordânia.



3. Como caracteriza o estado de operacionalidade das FACA e forças de segurança?

O foco forte de instabilidade na RCA, naquilo que respeita as FACA, são os militares, porque os militares integram aquilo é um dos grupos rebeldes, que são os anti-Balaka, claro que estes podem ter elementos vindos de outros grupos. Penso que seja quase a sua totalidade constituída por militares, tendo como grupo rival os *Seleka*, os muçulmanos. Os anti-Balaka, quase todos militares, têm um comando, organizados em algo como companhias, e muitas vezes utilizam os próprios meios das Forças Armadas, para levar a cabo as suas ações, sem consentimento do governo, têm um comando paralelo, é um efetivo que apesar de ter formação da EUTM, é uma força contribui fortemente para instabilidade do país, é uma força não obediente.

As Forças de Segurança, divide-se em dois ramos, a gendarmerie de cariz mais militar e a polícia nacional de cariz mais civil, como os franceses. Mas que se confundem nas ruas, não há uniforme para todos, vestem-se como querem, recebem com material oferecido de um país, uniformes muito diferentes, os próprios polícias parecem grupos rebeldes, é um bocado assustador.

Este elementos fazem operações de fiscalização rodoviária para extorquir dinheiro à população, os carros das Nações Unidas não param, todos os dias a partir das 22h há o recolher obrigatório das Nações Unidas, se não houver incidente, já cheguei a ter recolher obrigatório às 20h, se estes elementos virem um carro das Nações Unidas, depois das 22h, mandam parar com o intuito de chantagear o pessoal civil das Nações Unidas, que paga para se safar, senão sabem que há uma denúncia, uma participação, e depois vão ter problemas porque infringiram uma regra das NU, aos polícias e militares das NUs eles nunca eram capazes de pedir dinheiro, sabemos lidar com esses elementos. As operações de fiscalização rodoviária não são para verificar nada é pretexto sacar dinheiro à população. As forças de segurança são forças absolutamente impreparadas, mesmo com o *capacity building* da Missão EUTM, não há efeito real da EUTM, é trabalho inútil.

Eu estive 3 anos em Santo Tomé e Príncipe, como oficial de ligação do Ministério da Administração Interna, eu criei a teoria do elástico, enquanto estamos como formadores ou coordenadores o elástico está esticado, assim que viramos as costas, o elástico não fica na posição de tensão e volta à posição de repouso.

As forças armadas e forças de segurança estão totalmente inoperantes, não há pagamentos regulares de salários, não há fardamento, o nível de vida mesmo no mercado negro é elevado um homem que não tenha de dar de comer aos filhos têm que se virar para a extorsão. Por mais preparação técnica que lhes demos, isso não resulta, há uma tendência de projetar os nossos modelos para África, não se pode impor a visão europeia, às vezes damos formação a indivíduos que não comem há mais de 24 h, se estes indivíduos aprenderem 1 décimo, já é muito bom.

Havia muitos problemas de motivação mesmo em países das NU, muitos deles são países que por acaso não estão a ser intervencionados NU, mas quase que podiam ser. Portanto, mesmo as forças que são projetadas é muito difícil, estas têm um grande problema nos direitos humanos, devido aos hábitos do seu país. Uma solução africana para um país africano, na realidade não é bem assim, A europa interpreta os direitos humanos de outra forma, faz muita falta uma unidade constituída de polícia europeia.

Inclusive, muitas vezes as unidades africanas não usam a força de forma gradativa, quando vão para os incidentes vai já com a AK-47, em vez de evoluir gradativamente o uso de força.

4. De acordo com as fontes de 2016 denotava-se que grupos armados e criminosos operavam fora da área de Bangui, controlando inclusivamente fronteiras e estradas principais de ligação à capital, na sua permanência observou alterações significativas ou a situação mantém-se? De que forma?

A RCA como país neste momento limita-se às fronteiras de Bangui, em Bangui a única situação que pode acontecer é o degenerar de uma manifestação, para um conflito generalizado de violência com a população, como eu assisti numa manifestação contra as NU, no dia das NU, devido aos casos de abusos sexuais registados. Um ataque



armado em Bangui é muito improvável ocorrer, há controlo de pontos fixos chave por militares e polícias da NU a que é bastante dissuasor.

O que vai passar acontecer em Bangui, isto é uma visão minha, o próximo passará pela utilização de engenhos explosivos, é tentador. Só ainda não aconteceu porque os *Seleka*, não controla a utilização de engenhos explosivos, a não ser ao nível da granada de mão defensiva, mas há registo de contactos dos *Seleka* com o *Boko Haram*, que pode passar os ensinamentos para uma mudança de cenário, o que altera por completo, porque Bangui neste momento é seguro, a RCA como Estado mais ou menos seguro, a Bangui. Não se pode fazer certas estradas em jipes soft skin, temos de ir em jipes blindados e protegidos.

Fora de Bangui são regiões controladas pelos muçulmanos, *Seleka* ou grupos próximos, as forças da UN que estão lá destacadas, são forças de origem muçulmana, há uma certa complacência com aquilo que os grupos armados fazem nessas regiões talvez sejam mais permissivos para com os *Seleka*, por causa da religião, não tem uma ação forte e firme como fazem os nossos militares (Portugal).

Em que campos de refugiados protegidos por forças das NU, pergunto como é que é possível serem flagelados por forças rebeldes (muçulmanos), neste caso eram militares egípcios.

Os *Seleka* flagelam sobretudo cristãos, enquanto os *anti-Balaka* não atacam as populações, de acordo com a informação que eu possuo.

O bairro PK5, é um bairro muçulmanos, tem as entradas do bairro controladas por *Seleka*, em Bangui, o mandato das NU não permite busca porta à porta, devem ser as forças locais a assumir, contudo não há forças locais, o mandato das NU está mal dimensionado, o país não quer assumir a falta de controlo, sendo esta uma opinião pessoal. Não sendo assim um problema é tático, seria necessário fazer uma busca porta à porta para encontrar os cabecilhas, mas sim jurisdicional, devido ao mandato das NU. O mandato das NU está abaixo do que é necessário.

5. Observou ou teve conhecimento de situações em que um destes grupos tenha denotado alguma organização/ação extraordinária que tenha surpreendido as forças da MINUSCA?

Sim, em algumas emboscas em deslocações de contingentes (de polícia) que eram projetados, neste caso meio contingente, um pouco como a QRF portuguesa, para reforçar temporariamente determinadas regiões onde existiam campos de refugiados, e no itinerário havia emboscadas organizadas. Eu próprio fui surpreendido num *RoadBlock*, porque não nos foi informado por rádio que havia um no itinerário, correu bem por acaso porque íamos escoltados por *Armoured Personnel Carrier*, passamos pela lateral e os rebeldes não abriram fogo. Estes estão sempre fora das vistas dos check points dos militares e policiais da NU.

Os *anti-Balaka* têm uma grande organização for terem militares da FACA são mais organizados e mais equipamentos, maior que os *Seleka*, por inerência de serem militares.

Parece-me que os *Seleka* por terem o apoio *Boko Haram* cada vez mais vão passar a utilizar os explosivos, recebemos relatórios que diziam terem ouvido explosões fortíssimas em zonas controladas pelos *Seleka*, que é um grupo terrorista, indicia que começa a ter formação a nível de explosivos, pode passar a ser um grupo terrorista organizado atuando em Bangui.

O Congo está a ser intervencionado pelas NU desde 1961, sendo um país com problemas semelhantes à RCA, nomeadamente o controlo da riqueza por grupos armados, isto logo mostra a dimensão da possível extensão da operação.

6. Entende que no futuro haverá o risco de haver uma união entre estes grupos armados que possa constituir uma força opositora considerável contra a MINUSCA?

Não acredito que os *Seleka* se possam unir, não têm organização logística para isso tudo, eles estão dependentes das condições atmosféricas, não têm meios de transporte, eles têm chefes tribais, e os meios são muito rudimentares, a época mais perigosa é a época seca, quando eles conseguem deslocar-se, fora de Bangui quase não



há estradas alcatroadas, fora de Bangui praticamente só os carros das NU é que conseguem deslocar-se nas estradas, logo não há um risco de uma ação concertada.

Os explosivos poderão ser uma ameaça forte contra a *MINUSCA*, tive formação de explosivos em Espanha, no tempo da ETA, quando esta era muito ativa, sendo a *MINUSCA* uma presença militar armada muito forte, explosivos é melhor forma, terrorista. Houve detonações testes com explosivos, numa província, longe da capital, demonstra a alteração do *modus operandi*, explosivo lá (RCA) é muito abundante, devido às explorações mineiras.

Os *anti-Balaka* são conotados com o poder, não constituem ameaça para a *MINUSCA*.

7. O processo de Desarmamento, Desmobilização Reintegração está implementado há vários anos com o objetivo último de redução da violência, contudo, tendo havido uma criação/fusão/cisão de novos grupos armados, considera que este processo tem tido o sucesso esperado? Entende que pode ser melhorada de forma a evitar o surgimento de novos grupos armados?

Durante o meu período na RCA, conheci um ex-militar do Exército Português, que estava no DDR, este relatou-me que é o desenrolar deste processo e para mim é um processo que tem falhado, os grupos entregam armamento e material que entregam às NU e não havia um único a funcionar.

Eles entregam sucata, para receber dinheiro, o processo DDR pode ser por vezes perverso, deve-se reforçar o mandato das NU, fazer uma ação de busca e capturar de líderes e armamento.

Devem ser resolvidos os problemas a montante, o DDR só deve ser efetuado após ser alcançada a paz, não é durante o conflito.

Como exemplo, estávamos a tentar reunir material, nomeadamente AK47 para dar formação a grupos de ordem pública das forças locais, queríamos formar 2 equipas SWAT, de 30 elementos cada uma, 1 da gendarmerie e outra da polícia nacional, eu fui contra isso, não era o momento, só deveria ser feito mais tarde. Fomos armeiros da UNMAS, United Nations Mine Action Service, vi o material entregue pelos locais, de cerca de 400 AK47, apenas funcionavam 2, isto ilustra a ilusão da situação.

8. A RCA é caracterizada por ser um país extremamente rico em recursos naturais, contudo há várias razões para não haver o desenvolvimento da indústria tais como a corrupção e a falta de segurança no país, assistiu a alguma melhoria nestas duas características de forma substancial que possam permitir o crescimento industrial?

Não, pelo contrário, cada vez menos, a RCA está localizada em termos geoestratégicos, no pior sítio do mundo, sem acesso ao mar, não tem boas vias de comunicação com outros países, rodeado de piratas e bandidos, todos os países que rodeiam a RCA, são eles próprios países intervencionados pelas NU ou com conflitos internos graves.

Como hipótese, imagine que RCA criavam gado, que tinham que escoar para outros países os produtos derivados da carne ou até fruta, não há escoamento de produtos, porque não há vias comunicação seguras, não é rentável escoar produtos por avião. Têm a indústria mineira, que são coisas muito específicas, depois são indústrias muito rudimentares, como sabão e fósforos, pouco mais e quase tudo é para consumo interno.

9. A população da RCA é caracterizada por ter duas principais religiões, cristã e muçulmana, havendo certas opiniões na comunidade muçulmana que esta tem sido discriminada nos anteriores governos, considera que esta discriminação é fundamentada? O atual governo está a alterar esse paradigma, ou mantém-se?

O paradigma mantém-se, a população muçulmana continua a ser discriminada, pelo atual governo, grande maior parte das FACA são constituídas pelos *anti-Balaka*, que são cristãos, contudo há nas FACA muçulmanos, a quem diga que há muçulmanos das FACA que integram os *anti-Balaka* contra os muçulmanos. É sobretudo a falta de cultura e de conhecimento que leva à criação de grupos com crença religiosa.



Os governos não apelam à criação cultural e religiosa, o governo não é operativo, um Presidente que apele à união com os muçulmanos, perde o apoio das FACA/*anti-Balaka*, perdendo o apoio da FACA é destituído porque quem faz os golpes de estados são as FACA.

10. Considera que a insegurança criada pelos grupos armados tem contribuído para o desemprego ou que a sua ação está circunscrita a algumas zonas, não influenciando a economia?

A única exceção é Bangui, a economia não se consegue desenvolver, a violência é generalizada no país, mais numas regiões que outras, a RCA não controla fora de Bangui, nem a *MINUSCA*. As NU só garantem e controlam nos campos de refugiados nas províncias e campos de forças das NU.

Há cidades sem magistrados, sem polícias, não há nada, são cidade do FarWest nestas cidades quem controla tudo são os grupos armados. De vez em quando, para encher a vista, abre-se uma esquadra de polícia numa província, para tentar implementar a força do governo central fora de Bangui, com 4 ou cinco armados, mas não fazem nada contra os grupos armados, têm de ser complacentes com os grupos armados senão aparecem mortos.

11. Há algo de pertinente que gostaria de acrescentar?

Gostaria de acentuar a necessidade de projeção de forças de polícia e militares constituída europeias, na RCA, as NU devem projetar outra tipologia de forças, democráticas, bem preparadas, defensoras dos direitos humanos. Ter também um mandato alargado e reforçado, para resolver o problema a médio prazo.

Devemos mandar forças mais operantes e perguntar porque é que não há de unidade constituídas de polícia europeia, porque é que os portugueses são os únicos europeus de força constituída na RCA? Os outros são todos asiáticos ou africanos.

Estas Unidades que referi deveriam ter, sejam militares ou polícias, forças de proximidade da população, Força de Monitorização das FSeg locais e FACA e ter uma força de reação SWAT, havendo já uma unidade Jordana



Apêndice B — Entrevista a Empresário Português, com negócios na RCA, M. G.

1. Gostaria de saber em que contexto e de que forma se resume o seu contacto com a RCA e caso seja possível explicar o período temporal desse mesmo contacto?

Conheço a República Centro Africana muito bem, o meu pai já tinha negócios no Zaire e no Congo em Brazaville, nessa altura era o Congo Belga, ainda não era independente vivi, trabalhei nesse país durante 60 anos, vi vários golpes de estados, que duravam 8 dias tive vários tipos de negócios e ainda tenho negócios. Durante 18 anos morei fora da zona da capital, conheci aquele país ainda como colónia francesa, ainda era África Equatorial França, e depois como país independente, o meu irmão também trabalhava lá, numa empresa de algodão belga e francesa, a Cottonnaf, foi por influência familiar que conheci aquele país.

Estive com vários governantes, conheci muito bem o Boganda, com qual estive várias vezes, assim como o Bokassa, do qual era muito amigo, embora este último era muito criticado pelos ocidentais, mas o De Gaule gostava muito do Bokassa, o Bokassa foi militar no tempo de De Gaule, esteve muito tempo na Indochina, juntamente com os argelinos, mas quando os argelinos voltaram para a Argélia, revoltaram-se contra a França.

O Boganda tomou posse como presidente da RCA, já tinha sido deputado em França, uma altura o Boganda foi visitar a terra dela que ficava a cerca de 400 km de Bangui, de avião, na viagem o avião rebentou com uma bomba, morreu o Boganda e outros franceses que iam todos juntos, suspeitou-se de atentado.

Após o Boganda tomou posse o Bokassa do país, e devo-lhe dizer que foi um grande presidente, para mim foi o melhor presidente que a RCA teve, comandou muito bem o país, claro que já no final quando quis ser imperador, ai estragou tudo, jantei várias vezes com o Bokassa, conhecendo-o muito bem.

Antes do Bokassa, ainda estive como presidente o David Dacko, foi Bokassa preparou um golpe de estado ao David Dacko, que até eram primos.

Atualmente ainda tenho negócios na RCA, tenho uma fábrica de cartuchos de caça, contudo não estou autorizado a produzir cartuchos, inclusive tenho um grande stock que não posso vender nem exportar devido a um embargo imposto pelas Nações Unidas relativo a armamento e munições. Tendo neste momento tudo parado na fábrica. O contrassenso é que existe uma fábrica igual à minha no Congo, que faz fronteira com a RCA, em Brazaville, que produz cartuchos de caça como eu, mas como entre a fronteira dos dois países não existe nenhuma separação física, há comércio e contrabando de munições iguais às minhas para a RCA. Na realidade não há fronteiras, o mesmo se passa entre a RCA e o Zaire, embora aqui haja um rio, há barcos a passar a toda a hora com munições de caça. Na minha maneira de ver nunca houve independência, devido aos fortes interesses dos franceses naquele país. A africa equatorial foi dividida em cinco países, RCA, Zaire, Gabão, Camarões, Chade, a meu ver os franceses nunca deram independência aos franceses, apenas disseram que eram independentes, estiveram sempre sobre a alçada dos franceses. Os franceses têm dado muito apoio militar à RCA, mas por interesses económicos.

Este problema atual, surgiu com o Bozizé, que tomou o poder na RCA, e não estava muito satisfeito com a França, viu que a França não se importava com a RCA, com hospitais completamente degradado, os chineses tinham lá um hospital, tratavam quem eles queriam, e a França desligou-se deste hospital, porque o interesse era as matérias-primas daquele país. A conclusão a que o Bozizé chegou foi mudar de parceiro económico, Bozizé deslocou-se à China para fazer um contrato de urânio, em Bakuma, quando os franceses souberam provocaram problemas entre as religiões cristãs e muçulmanas, foi assim que o conflito começou. Eu vivi 60 anos naquele país, e sempre se viveu calma entre cristãos e muçulmanos, que apesar de haver golpes de estado de 8 dias, não era nada, tanto católicos, como protestantes e muçulmanos deram-se muito bem, viviam juntos, ainda hoje acredito que seja o caso. Aquele país nunca teve problemas religiosos, acredito se deixassem aquele país em paz, em 5 ou 6 meses todos se voltavam a dar bem.



Existe muito urânio e diamantes naquela zona, até fico incomodado com um país com tanta riqueza, sofrem imenso, nas mãos dos europeus e americanos, e desde que chegaram os chineses e os franceses não toleram, e daí começou a guerra. Os franceses têm uma grande influência, basta ver a operação Sangaris, com cerca de 12.000 militares franceses, quando começou o conflito, maior parte foram-se embora, e agora temos lá ONU, com maior parte constituída por nações africanas.

2. A RCA é caracterizada por ser um país extremamente rico em recursos naturais, contudo há várias razões para não haver o desenvolvimento da indústria tais como a corrupção e a falta de segurança no país, tem assistido à melhoria nestas duas características de forma substancial que possam permitir o crescimento industrial?

Não, há dez anos atrás estava mais desenvolvido, na altura todos os miúdos falavam francês, agora ninguém fala francês, só os dialetos locais. Qual é o país do mundo que pode criar indústria se não há educação, não havendo cultura, não pode haver desenvolvimento industrial, há dez anos estava mais desenvolvido, várias fábricas de sapatilhas, cigarros, cobertores, têxteis, a RCA tem ferro para abastecer o mundo inteiro durante 100 anos, os diamantes são extraídos com peneiras artesanais, mostrando que ainda há muitos diamantes por descobrir. Os franceses nunca vão deixar a RCA. Houve um grande escândalo lá com a AREVA não estava a cumprir as normas de segurança na extração do urânio, na RCA, foram prejudicados os interesses da França, e as minas foram abandonadas, enquanto a França tiver interesses na RCA. É por isso que eu digo, que cada vez que há 5 ou 6 mortos muçulmanos, vingam-se nos cristãos, é tudo aldrabice, mas é verdade que matam, para aquilo não se acabar, e matam não é com espingardas, mas com machados.

3. Considera que o governo está a impulsionar/motivar o desenvolvimento da indústria e por sua vez a economia? De acordo com a sua visão, observa algo que devia estar a ser feito e não está?

Não estava a fazer nada, as poucas indústrias que existiam estão fechadas, antes havia muitas plantações de café e algodão, mas agora tudo está fechado, o que cresce na natureza é tudo selvagem, não tem havido incentivos, nem apoio da parte do governo.

Enquanto a situação estiver neste estado, pouco há a fazer, com o conflito armado. O governo tem de impulsionar a criação de pequenas empresas agrícolas, para começar.

4. A falta de infraestruturas para apoiar o desenvolvimento industrial na RCA tem sido outra lacuna que impede a RCA de se desenvolver? Que infraestruturas considera que podiam ser criadas, desenvolvidas ou melhoradas para impulsionar a economia?

Para cerca 4,5 milhões de pessoas que existem naquele país, tenho a certeza que não há 200 mil que tenham trabalho, não há fabricas abertas, penso que só existe a funcionar a fábrica da cerveja, não havendo também abastecimento de eletricidade, com a exceção de 2 horas por dia, não é algo encorajador para quem quiser se estabelecer na RCA.

Há interesses das empresas estrangeiras que não deixam outros países avançar, devia-se organizar e cultivar algodão, café, sendo que tudo está abandonado, arranjar algumas pessoas que saibam ler e escrever, para serem supervisores e os outros que não nada para além de trabalhar com as mãos é aproveitar para os trabalhos manuais, contudo deveriam ser todos enquadrados por técnicos que percebam do assunto.

Uma vez fui a França com o ministro da agricultura, Alphonse Gombadi, e encontramos-nos com o homologa francês, a ideia era pedir ajuda para desenvolver a agricultura na RCA, sugerimos que a França fornecesse 5 grandes máquinas agrícolas por cada região e que cada aldeia tivesse 2 ou 3 pequenos tratores, para lavrar a terra. A ideia do ministro francês era dar bois, para cada aldeia, que depois com as charruas lavravam a terra, o problema é que quando há um casamento, os locais, matam um boi, para comer e oferecem a toda a gente na festa, o trator não iram comê-lo. A ideia acabou por não ser aceite.



Os chineses têm feito mais pela RCA que os franceses, inclusive têm desenvolvido o Congo Belga, em Brazaville. A prioridade para a RCA deveriam ser as estradas, sem isto não podem transportar os seus produtos.

Certa ocasião, os chineses perguntaram ao governo da RCA se estes não queriam um hospital, os governantes disseram que queriam um estádio de futebol, o hospital ficava para a próxima vez. Vieram os chineses para começar a construir o estádio, e como contrapartida tiveram de dar trabalho aos locais, a questão que os locais roubavam o ferro e cimento na construção, os chineses reclamaram, não sei se foi uma desculpa para vir mais chineses para a RCA, mas o certo é que construíram um estádio quase como aqui em Portugal.

Posso dar outros exemplos do que poderia ser feito:

Diamantes que saem da RCA em bruto, se montasse uma fábrica de lapidação, ganhava-se 20 ou 30% na exportação em vez de exportar em bruto, dava muito trabalho, criavam-se muito industrias, à volta dos diamantes

Criar fábricas para fazer móveis, neste momento só exportam madeira em bruto, em toros.

Reavivar a indústria do café, antigamente exportavam café.

É um país muito rico em fruta, montar uma fábrica de sumos de fruto, ou até mesmo uma fábrica de compotas.

É um país fácil de modelar em África, quando lá tive, há muitos anos, uma fábrica de montar automóveis, os mecânicos com os seus vícios, não estavam para se chatear com o acertar nos os buracos do chassis, furavam onde queriam, os carros estavam todos tortos, tive de contratar pessoas da rua para aprender de novo tudo, em pouco tempo já tinha a produção em pleno.

Países com pouco educação é mais fácil para ensinar, fácil de modelar, maior parte são analfabetos e podem ser ensinados para fazer o que for preciso, é o país mais fácil de modelar da África, tendo apenas de ser orientado por bons técnicos.

5. De acordo com o CIA World FactBook a taxa de desemprego global na RCA é cerca de 8%, contudo na capital é 23%, dando a impressão que a economia na capital está estagnada, concorda com esta observação?

Não concordo com esta observação, quase não há fábricas a funcionar, maior parte dos hotéis estão fechados, as escolas privadas também estão fechadas assim como a exploração de madeiras encontra-se fechadas, a exploração mineira quase tudo está fechado à exceção do que é explorado pelos grupos armados, os diamantes são de boa qualidade, contudo sem indústria não há milagres. Há muito poucas instituições e organismos a funcionar, de acordo com a minha visão a percentagem de emprego em toda a RCA seria 20 ou 30%, totalmente o oposto da observação desse site. A minha última visita à RCA foi em 2012, já na altura as coisas estavam mal, agora estão muito pior pelas informações que recebo. Atualmente a situação está muito pior que há 10 anos atrás. Contudo nunca houve problemas com os portugueses lá, aquela gente é muito pacífica, nunca senti insegurança ou fui maltratado, recebem muito bem todos os que chegam lá, é difícil perceber como isto começou, não havia ódios antigos como havia no Ruanda.

6. Considera que a insegurança criada pelos grupos armados tem contribuído para o desemprego ou que a sua ação está circunscrita a algumas zonas, não influenciando a economia?

Não posso responder com exatidão, já não vou à RCA há 6 anos, mas por aquilo que eu ouço dizer a forma com organizaram o problema, haverá sempre grupos a destabilizar, sobretudo na zona dos diamantes, para o outro lado não há nada. A dimensão que aquilo tomou fez que seja generalizada a violência. Eles são mais felizes no mato, onde caçam um antílope ou um boi, e dividem o boi por eles todos, cultivam amendoim e mandioca, e são felizes assim.

Houve muita gente que tinha dinheiro, foram para França e Estados Unidos, maior parte não voltaram. Conheci um rapaz que estudou para médico em França, voltou para Brazaville, não para a RCA e foi trabalhar para um hospital, pagavam-lhe tão mal que se despediu e abriu um bar para vender cerveja, e dizia que ganhava muito mais, isto mostra como estão aqueles países, muito desorganizados.



7. Das duas principais religiões, cristã e muçulmana, parece existir a opinião na comunidade muçulmana que esta tem sido discriminada nos anteriores governos, considera que esta discriminação é fundamentada? O atual governo está a alterar esse paradigma, ou este mantém-se?

É possível, há mais católicos e protestantes que muçulmanos, os muçulmanos são da região que faz fronteira com o Sudão e Chade, devem ser na ordem dos 15 ou 20%, entre raças da RCA é que há uma separação, e eles defendem-se entre eles. Eu muitas vezes perguntei aos locais, porque é que iam votar num candidato que se sabia que não valia nada, eles justificavam porque eram da mesma raça, é assim que funciona, por raças.

Há separação entre as duas religiões, nomeadamente nos casamentos, contudo havia casos de casamentos entre muçulmanos e cristãos, embora fosse pontual.

Caso houvesse paz no conflito, haveria integração entre os muçulmanos e cristão, não considero que sejam um povo racista, são calmos, conheço os povos dos países à volta, e sem dúvida que as pessoas da RCA são muito diferentes e amistosas, gostam dos brancos.

A discriminação pelo menos do meu ponto não existia, até porque os muçulmanos tinham negócios que os cristãos não tinham, tal como comércio da carne, lojas de vender farinha, açúcar, farinha e empregados cristãos, eles apelidavam não parece que não, lojas e comércio muitos muçulmanos, “ao qual chamavam às lojas a “loja do árabe”, os meus empregados fosse nos negócios e em minha casa, todos se davam lindamente, todos comiam juntos e trabalhavam juntos, vigilantes eram muçulmanos, técnico da fábrica muçulmano e os restantes empregados mesmo que fossem cristãos gostavam dele.

Alguns presidentes eram mais pro cristãos outros mais pro muçulmanos, dependia do presidente, parece-me existe um problema que tem mais a haver com a etnia do que religião.

O conflito com origens e causas religiosas é um pretexto.

8. Na sua opinião qual o nível de credibilidade da estrutura governativa e demais instituições estatais?

Não posso falar dos atuais, mas de há 10 anos atrás, a RCA tinha pessoas muito competentes, mas nem sempre os governantes foram sempre os mais competentes. Na RCA não se é Presidente porque se quer ser Presidente, ganham-se as eleições se a França quiser. Antes de haver qualquer candidatura os possíveis candidatos vêm a França procurar apoios, há grandes lóbis dos governos franceses na RCA.

Existem pessoas ligadas aos governos franceses, apelidados de Mounsiieur Afrique, que é um mandatário da França na RCA, são quase eles que decidem que quem são os candidatos que vão ganhar, não se é presidente por mérito. São as maiores etnias que governam, naquele país as minorias mais pequenas não têm votos, a França põe e dispõe, a França manda naquele país.

9. Há algo de pertinente que gostaria de acrescentar?

Só se pode ir para a frente com bons técnicos, boa Forças Armadas, Polícia, Alfandegas, é necessário dar trabalho às pessoas, mas com disciplina, o Presidente da República deve ser aconselhado por um bom técnico branco, ter bons Ministros da Economia, Agricultura e Defesa, são as áreas mais cruciais a intervencionar.

Os técnicos devem ser europeus, mas não franceses, penso que em 4 ou 5 anos bem orientado dava um bom exemplo ao resto da África.



Apêndice C — Entrevista ao Comandante de Força Nacional Destacada em 2017/2018 na RCA – Tenente-Coronel Alexandre Varino

1. Pode explicar que funções no âmbito das ONU desempenhou na RCA, incluindo as principais tarefas e o período em que esteve na RCA?

Fui o comandante na 2ªFND na RCA, a nossa missão teve início a 4 de setembro de 2017 e terminou a 5 de março de 2018. As minhas funções era de comandante da força, do contingente português na MINUSCA, comandava a força no seu todo, e comandava o empenhamento operacional dos grupos de manobra.

2. Como caracteriza o estado de operacionalidade das FACA e forças de segurança?

Em todas as missões do tempo em que estivemos nunca tivemos operações em que participássemos com eles (FACA).

As FACA estão quase num período de novamente em capacitação, estão em treino, já têm um batalhão formado e temos lá uma missão que está precisamente a dar apoio a essa formação das FACA da União Europeia.

Portanto, estão num período em que estão a voltar a constituir unidades para poderem serem empenhadas na defesa do seu território. Não tivemos nenhum contacto com militares das FACA no sentido de unidades constituídas.

Relativamente à polícia, desempenhamos muitas missões em Bangui na capital, a nossa base de operações é em Bangui, e esporadicamente em algumas situações tivemos contacto com alguns elementos da polícia.

Não unidades propriamente ditas, o que se passa com a componente militar, também se passa o mesmo com a componente policial, eles também estão num processo de formação, constituição de pequenas unidades para serem colocadas espalhadas pelos país, também na capital, para implementar a ordem, também estão a receber treino, tal como nas forças armadas.

No entanto existem algumas esquadras na capital, que têm elementos da polícia, são unidades e esquadras pequenas, têm muito pouco material. Algumas esquadras não têm armas para todos, quer a polícia quer as forças armadas não têm grande capacidade, e não tivemos operações com a polícia assim como as forças armadas, não tivemos que planear nenhuma operação juntos, tivemos esporadicamente contacto com alguns polícias.

3. Como caracteriza a ação das FACA e FSeg?

Todas as ações foram muito esporádicas, tanto quanto eu sei houve um batalhão constituído, estava previsto ser projetado, uma companhia das FACA para o sector Este para a região Obu. Nesta região existia uma operação internacional, onde estavam forças especiais americanas, no combate ao LRA a tentar capturar o Joseph Kony, com este atual presidente dos Estados Unidos, terminou com atual missão das forças especiais, as forças americanas saíram de lá. Como ficou um vazio de forças naquela região, como havia a formação dessas forças, foi entendido colocar lá uma companhia das FACA. Porém nós nunca atuamos nessa área, não estou a par do desempenho dessas forças, mas pelo que eu sei, pelos camaradas que estão na formação das FACA, existe um embargo de armas à RCA, apesar de eles terem formação depois não têm acesso a armamento ou o que têm é muito pouco, não dá para equipar as unidades na sua totalidade.

A FND teve duas projeções durante a nossa missão, nós tivemos uma operação em Bokaranga, esta foi no setor Oeste, tivemos que expulsar grupos de duas povoações, uma delas em Bokaranga. Após termos expulso esse grupo armado, e a cidade retomar a vida normal e foi lá colocado uma pequena unidade de polícia, alguns elementos, se não estou em erro, 15 elementos, esses elementos foram ocupar as antigas instalações da Gendarmerie que existiam na cidade, e que por sua vez tinham sido ocupadas pelo grupo armado. Porém esses elementos foram levados numa viatura, não tinham armas para todos, só tinham 3 ou 4 armas, as instalações estavam completamente vazias, a sua capacidade de cumprir a missão, as suas tarefas é muito limitada.



Estando numa cidade ou vila a 600 km da capital, onde a autoridade não se faz, não se exerce de maneira nenhuma, uma esquadra com 5 ou 6 elementos e há um grupo armado que atua com 100 elementos, aqueles 5 ou 6 elementos nem armas têm para todos, não podem fazer nada.

A RCA está dividida em 3 sectores, Este, Oeste e Central, e depois existe o sector da capital, que aí existe uma força conjunta, que é a Joint Task Force Bangui, que uma força com unidades militares e unidades policiais, aí sim, é na capital, que é a maior cidade, onde está o maior número de população, e aí que se faz sentir a maior parte da polícia, mesmo os próprios policiais da RCA a maior parte deles estão na capital.

4. De acordo com as fontes de 2016 denotava-se que grupos armados e criminosos operavam fora da área de Bangui, controlando inclusivamente fronteiras e estradas principais de ligação à capital, na sua permanência observou alterações significativas ou a situação mantém-se? De que forma?

As da RCA são muito porosas, não há uma vedação, não há postos fronteiriços, o governo não tem polícia, não tem forças militares que controlem a fronteira, as pessoas e os grupos armados transitam de forma mais ou menos à vontade. Do lado dos países vizinhos não é bem assim, porque eles (Países vizinhos) têm forças e eles controlam nos principais locais. Mas existem vastas zonas do território que são controladas pelos grupos armados, que eles aí (os grupos armados) operam de forma mais ou menos livremente, que substituem ao Estado, essas áreas aí, são aquelas que coincidem com as principais áreas de recursos minerais, ou exploração de madeira ou até os corredores de transumância que esses grupos armados também controlam essas áreas e cobram por cada cabeça de gado, dando-lhes proteção, à pastagem desse gado.

Nós tivemos uma missão em que havia uma cidade chamada Bangue, no extremo Noroeste do país, dista 3 km do Chade e 6 dos Camarões. E um grupo armado, o MPC tinha controlado essa cidade, que era uma pequena vila, numa região tipicamente fronteiriça, com 2 fronteiras, uma a norte e a outra a sul, e esse grupo armado tomou conta da cidade, a população foi completamente expulsa, e eles substituíam basicamente o estado, eles cobravam taxas para a passagem de mercadorias, e umas das missões dados em nós, foi também expulsar o grupo armado dessa cidade, e tomar conta dessa povoação, e estabelecer contato com as fronteiras, quer do Chade dos Camarões, mostrar que a povoação estava controlada por forças da MINUSCA e que esse país podiam reabrir as fronteiras ao tráfego de pessoas, e aí realmente a fronteira é porosa, mas da parte dos outros países eles têm controlo, porque seguimos um itinerário e fomos dar com militares do Chade, não há uma placa a dizer Chade ou RCA, com os Camarões existe uma coisa mais ou menos parecida com identificação, mas no Chade não havia nada. Aquilo era um caminho completamente secundário e muito fechado, só se aperceberam-se que estava no Chade quando realmente já tinham entrado no Chade e viram elementos militares do Exército do Chade e uma bandeira do Chade.

5. Dá-se a designação aos principais grupos armados de *anti-Balaka* e *Ex-Seleka*, pró cristão ou pró muçulmano. Do seu ponto de vista, o principal ponto de clivagem e perpetuação de ações violentas mantém uma natureza religiosa?

Não, de maneira nenhuma, existe essa agregação e conotação dos grupos armados, tem alguma relação religiosa. Mas o conflito não é religioso, é um conflito por recursos naturais, esses grupos têm certas características, pertencem a uma determinada etnia, têm representação política e os grupos armados tem meios militares. O braços armados dos grupos, empregam não só nativos mas também pessoas provenientes de outros países, nomeadamente os *Ex-Seleka*. Estes grupos têm na sua constituição muitos mercenários do Chade, Sudão e são facilmente identificáveis, em termos fisionómicos têm poucas semelhanças com os locais, vê-se logo que são muçulmanos, por tanto existe uma associação religiosa. Os *anti-Balaka* são cristãos, mas não existe na minha opinião um conflito religioso, é um conflito de controlo de recursos e natureza política do controlo dos destinos do país.

Embora tenha havido na história recente deste conflito, em 2012 esta coligação *Seleka*, que eram todos movimentos de origem muçulmana, tomaram o poder, e derrubaram o Presidente que era cristão, após esse derrube



do Presidente. Este organizou umas milícias *anti-Balaka* para fazer frente a esses grupos. Aqui ocorreram algumas atrocidades em que elementos muçulmanos mataram cristãos e muçulmanos mataram cristãos, houve a organização desses grupos de autodefesa, de alguma forma conotados com a religião, mas não é um conflito religioso. Como prova disso, é que por exemplo, a situação da ameaça no sector central existe uma coligação, pelo menos quando em vim, que agregava alguns movimentos *ex-Seleka* e alguns grupos *anti-Balaka*, que se tinham unido para fazer frente à UPC, liderada pelo general ALI DARASSA, esse controlava uma determinada parte do território que eles também queriam, isso depende dos objetivos que eles tenham. De alguma forma esta situação prova que não é um conflito religioso.

6. Observou ou teve conhecimento de situações em que um destes grupos tenha denotado alguma organização/ação extraordinária que tenha surpreendido as forças da MINUSCA?

Constatei que os grupos *Ex-Seleka*, pareceram-me ser mais organizados e com uma organização mais estruturada, que os grupos *anti-Balaka*. Eles conhecem o líder, o líder está perfeitamente organizado e por norma os elementos pertencentes aquele grupo cumpre as orientações dadas por aquele líder, embora existam alguma dissidências. Isso pareceu. Os *ex-Selekas* parecido mais com uma organização tipo militar, com as diferenças que tem que ter, mais do que os *anti-Balaka*, que é uma coisa mais rudimentar, muito mais à doc, que parece todos mandam, mas que é um pouco “eu consigo influenciar um grupo de 10 ou 15, eu sou o chefe daquele grupo, e eu associo-me a outro grupo de outros 15”. Em termos numéricos são menores, mas são muitos mais.

Que tenha sido surpreendido, durante o tempo em que eu lá estive isso nunca aconteceu. Um dos problemas da missão da MINUSCA, tem haver a fiabilidade das informações, os números são muito contraditórios, sobre o mesmo facto. Se dizem que são 500 efetivos (de um grupo armado) numa zona, outra força dizia que são 300 outros dizem que são mil.

Mas existem grupos grandes, nós na nossa missão de regresso de Bangassu, foi determinado superiormente que deveríamos passar a noite numa povoação chamada Kembé, essa região é dominado pelo grupo do UPC, há muitas povoação que vão desde do eixo de Bangassu até um pouco antes de Banbari, que as povoações principais são dominadas por estes grupos, aquilo é uma região maioritariamente *anti-Balaka* mas têm nas povoações principais são controladas pelo grupo *ex-Seleka* UPC, mas esses indivíduos, não fazem frente à MINUSCA, não atacam a MINUSCA, implementam check-points nas entradas e saídas das povoações, mas estes não estão fechados, e vê-se elementos junto, debaixo de uma árvore ou numa casa ou está lá ao pé, à passagem da MINUSCA eles levantam-se, fazem continência, saúdam, não há contato. Não os podemos prender, só em situação de defesa ou se estiverem numa posição agressiva, como isso não acontece, nós não podemos fazer nada. Como eles vê-se que têm lá o check-point mas não restringe o movimento, não tomam nenhuma ação hostil para connosco e não nos é dada nenhuma missão de fazer algo contra eles, não podemos fazer nada. Obviamente temos cuidado, porque nunca sabemos o que vem de lá. Mas esses indivíduos que vimos quando regressávamos de Bangassu, passámos em Kembe, e antes disso numa povoação em Kombolu, que a última povoação controlada pelo UPC antes de Bangassu, depois disso não há nada. E no regresso vimos imensos militares do UPC, e isso surpreendeu-me, eu parei de contar do lado direito aos 70 e tal, e havia mais deste lado, e do lado outros tantos iguais. Era um número bastante grande. Nós passamos a noite em Kembe, e eles passaram lá consecutivamente lá com viaturas, com camiões e depois contactei com uma Unidade do Ruanda que estava em Pombolo, um comandante de companhia da qual eu tinha o contacto, e soube que o UPC estava a fazer a troca dos militares nestas povoações, era uma rotação de forças. Eles (UPC) têm o quartel-general em Lindau, é aí que eles têm o grosso da força, depois têm grupos destacados nestas povoações, e de quando em quando, trocam esses militares, e era isso que estava a acontecer e havia ali uma grande concentração de pessoal. Foi uma noite um bocado tensa, pernoitar ali, foi uma noite em branco, estivemos num impasse, muita gente agarrados às armas em posição, quer da nossa parte quer da parte deles. Não tinha a noção que eles faziam esse tipo de rotação.



Havendo relatos de ataques destes grupos contra as populações, as forças da *MINUSCA*, contra colunas logísticas da *MINUSCA*, principalmente nos sítios onde a estrada está mais danificada onde temos de andar mais devagar, e mesmo a situação em Bangassu não estava nada famosa, mesmo os marroquinos eram atacados frequentemente, a polícia do Senegal também era atacada, havia lá uma unidade de engenharia do Camboja que tinham morto 3 ou 4 elementos deles, à catanada, cortaram as pernas e andaram a passear as pernas nas motas pela cidade. Eu vi vídeos que a barbaridade é uma coisa inimaginável. Eles movimentam-se sobretudo de mota, porque as estradas são muito más, mas uma mota para nós são duas, para eles são para 5 pessoas, temos que contar que podem ir 5, o normal é ir 3.

Existem cerca 450 km asfaltados na RCA, a RCA tem a dimensão da Península Ibérica, maior que isso e tem metade na nossa população, há muitas áreas que não existe nada, as estradas maior parte terra batida, a estrada que está alcatroada é aquela que liga aos Camarões, e depois outro pequeno troço que liga para Norte, aquilo é um país tropical, chove torrencialmente todos os dias, e depois para vem o sol, há muita lama, as estradas são completamente intransitáveis, aquilo é difícilíssimo movimentarmos-mos lá, no nosso deslocamento para Bangassu, muitas partes do troços a média 15 km/h ou até menos, mesmo a andar, aquilo são buracos que têm uma estrada, não há nenhuma estrada em Portugal que esteja assim. O melhor meio de transporte que estes grupos têm para se deslocar são motas.

As nossas ações foram contra *Ex-Selekas*, um grupo do MPC, outro do 3R, outro do RJ, e pareceram-me organizados, tinham líder, tinham chefe, bem armados, ak-47, PKM, RPG, SVD, enquanto os outros (*anti-Balaka*) basicamente armas artesanais ou de caça, alguns com catanas outros com arcos, mas pouco deste tipo, maior parte armas de caça, pareceram-me muito mais desorganizados.

7. Entende que no futuro haverá o risco de haver uma união entre estes grupos armados que possa constituir uma força opositora considerável contra a *MINUSCA*?

A capacidade para se puderem unir, podem, nem todos, estes grupos são normalmente de etnias diferentes, são de lideranças diferentes, é claro que casualmente se der jeito podem aliar-se em determinada situação, para atingir objetivos comuns, mas uma aliança deliberada e ostensiva para fazer frente às forças da *MINUSCA*, tenho as minhas dúvidas.

Acredito que possam organizar-se esporadicamente possam atacar uma força de pequena dimensão, em determinada localização, fazer flagelações, fazer alguma frente. Mas fazer uma grande ofensiva e tomar conta do país não me parece ser possível, muitos destes grupos também têm representação política no Governo, e muitas das ações de domínio destas áreas é uma questão de afirmação de poder e através desse poder, para poderem ter mais representação política no Governo, mais cargos, mais ministros, mais poder negocial.

Se um determinado grupo controla metade do país, tem uma maior capacidade negocial com o Governo, do que só controlasse uma determinada área. É por isso que eles também se coligam e procuram expandir para poder ter uma maior representatividade no Governo.

8. O processo de Desarmamento, Desmobilização Reintegração está implementado há vários anos com o objetivo último de redução da violência, contudo, tendo havido uma criação/fusão/cisão de novos grupos armados, considera que este processo tem tido o sucesso esperado? Entende que pode ser melhorada de forma a evitar o surgimento de novos grupos armados?

O que eu ouvi a comentar, esperaria-se que o sucesso fosse maior, os grupos para serem reconhecidos pelo governo, para se sentarem à mesas das negociações com o Governo, para ter representatividade no Governo, para representar a população, que controlam uma parte do território, faz parte deste processo o facto de puderem aderir ao DDR, e muitos desses grupos têm aderido, agora pelo menos politicamente eles formulam essa intenção. Depois passar da intenção à prática isso tem sido mais moroso, e não tem tido os frutos que se esperava, entregam só algumas armas, normalmente as piores, o sucesso não é o que pretendia, mas existe, tem havido a entrega de algum armamento,



existe a adesão de alguns grupos. E fazem isso com motivos políticos, para terem poder negocial, mostrar que querem colaborar, para fazer parte da solução e não do problema, e leva a que as ações da MINUSCA não tenham a mesma forma de ação que para com outras. Estes grupos armados fazem parte da solução, são cidadãos da RCA, das etnias, tem que se arranjar uma solução política, não se pode prender todos.

- 9. A RCA é caracterizada por ser um país extremamente rico em recursos naturais, contudo há várias razões para não haver o desenvolvimento da indústria tais como a corrupção e a falta de segurança no país, assistiu a alguma melhoria nestas duas características de forma substancial que possam permitir o crescimento industrial?**

Durante o tempo em que estive não assisti a nenhuma melhoria, assisti em Bangui pequenos trabalhos, nas estradas, algumas obras, alguma construção nova, recuperar prédios em Bangui, mas fora de Bangui nada. As pessoas vivem muito longe do poder central e não têm meios praticamente nenhuns, existem algumas ONG, que apoiam a povoações, na educação e apoio sanitário. Só em Bangui mesmo.

- 10. A população da RCA é caracterizada por ter duas principais religiões, cristã e muçulmana, havendo certas opiniões na comunidade muçulmana que esta tem sido discriminada nos anteriores governos, considera que esta discriminação é fundamentada? O atual governo está a alterar esse paradigma, ou mantém-se?**

Do conhecimento que tenho, este presidente quando tomou posse, prometeu alguns cargos no governo a elementos dos grupos armados, do braço político, muçulmanos, sei que nem todas as suas promessas foram cumpridas. E isso motiva algumas ações por parte dos grupos armados.

- 11. Considera que a insegurança criada pelos grupos armados tem contribuído para o desemprego ou que a sua ação está circunscrita a algumas zonas, não influenciando a economia?**

A ação armada destes grupos faz-se sentir em muitas áreas do país, e claro que limita a economia e desenvolvimento, parece-me que sim.

- 12. De que forma as características do próprio ambiente físico da RCA constituíram-se como desafios à execução das tarefas atribuídas à FND?**

Neste TO existem muito poucas infraestruturas, principalmente os deslocamentos são muito maus, os itinerários são terríveis, os meios que nos temos apesar de serem em número suficiente, todos aqueles que são de apoio logístico não são adequados ao rigor daquele teatro, são adequados para Portugal, para andar em estrada, tudo o que seja meios de apoio, cozinhas, latrinas, banhos, geradores, que são rebocados, naquele país aquilo não aguenta.

A primeira FND usou-os assim e depois teve que criar situações de desenrasca, para movimentar esses materiais, tiveram de ser desmontados e colocados em cima de viaturas, UNIMOG, todo esse equipamento que está no teatro, de apoio, mesmo as arcas frigoríficas acopladas em cima dos UNIMOG, sendo este viatura já por si de uma certa forma muito alta, com as arcas, o centro de gravidade, fica muito alto, nestes itinerários estas viaturas não capotam por mera sorte.

Na segunda missão que tivemos, essas viaturas não chegaram a Bangassu, porque pelo caminho iam capotando por duas vezes, uma delas esteve em duas rodas, estes equipamentos não estão habituados ao rigor destes itinerários, são o pior que pode haver, muito cansativos, andamos muito devagar em alguns sítios.

Estes locais têm condições excelentes se quiserem fazerem um ataque a uma força, as viaturas não vão conseguir sair de lá, ou vão conseguir andar muito devagar, e a força tem de estar preparada para reagir, não contando muito com eventualmente sair da zona de morte das viaturas, em muitos sítios é praticamente impossível, as forças têm de estar realmente preparadas para reagirem a um ataque, não prevendo a saída rápida do local, isso é um desafio muito grande. Por que fazer itinerários, movimentar tropas, centenas de km, sozinhos, com itinerários desta forma, tendo que com algumas



viaturas não estando mais adequadas ao itinerário, isso é um desafio muito grande para FND portuguesa, para qualquer um e para nós também.

13. Há algo de pertinente que gostaria de acrescentar?

O importante transmitir é que apesar de ser uma operação de apoio à paz, e de normalmente as tarefas que se desenvolve neste tipo de operações, são por norma operações de carácter de estabilização, de proteção de algo, de escoltas, patrulhas de vigilância, aqui pode haver situações de carácter ofensivo.

A FND que comandei desenvolveu duas operações ofensivas, foi nos dado a missão de expulsar grupos armados que controlavam as povoações, e eles não saíam a bem, tiveram que sair de forma forçada, tiveram de ser planeados ataques deliberados e isso não é uma coisa que esteja na nossa doutrina, que estejamos à espera que seja executado numa operação de apoio à paz, não operações de combate, neste teatro a força deve estar preparada para tudo, para executar tudo, o tipo de tarefas que são dadas pode abranger e pode-se enquadrar em todo o espectro de todas as operações militares, não só nas típicas tarefas de estabilização.

O facto de ser uma missão multinacional, com forças militares e policiais provenientes de outros países muito distintos, africanos, asiáticos, europeus também alguns, também da América Latina, com formas de atuar, com princípios, com treino, com capacidades, doutrina, diferentes uns dos outros, por vezes existem resultados obtidos não são aquilo que estávamos à espera. Por vezes podemos ficar espantados, como há uma determinada força que tem elevada capacidade, numa determinada área e a área não está controlada, não está controlada porque a forma de atuar deles não é exatamente a mesmo no padrões que nós estamos habituados e isto por vezes causa alguma estranheza, mas também justifica alguma das coisas que acontecem na RCA e de alguma forma justifica o emprego que é dado à QRF portuguesa, justifica o reconhecimento que a QRF portuguesa tem no seu trabalho tem na RCA, e como referidos como exemplo e a forma como o Comandante da *MINUSCA* nos empenha, olha para as forças que tem, vê o seu desempenho, a qualidade do seu desempenho, e claro se tem uma força que lhe dá garantias, é essa a força é sempre utilizada, a missão na RCA não é uma missão fácil, não é uma missão calma, de muito empenhamento e de empenhamento continua, e isto advém destas circunstâncias que eu estava a falar.

